

Universidade de Brasília  
Faculdade de Educação  
Programa de Educação Tutorial  
PET EDUCAÇÃO- pesquisa

Tutora: Profa. Dra. Patrícia Pederiva  
[pat.pederiva@gmail.com](mailto:pat.pederiva@gmail.com)

Estudantes:

Amanda Bezerra [amanda.oliveira.amanda@hotmail.com](mailto:amanda.oliveira.amanda@hotmail.com)  
Carolina Rocha Ferreira [coralcarolierrie@gmail.com](mailto:coralcarolierrie@gmail.com)  
Caroline da Costa Freire Ribeiro [caroline.freire@gmail.com](mailto:caroline.freire@gmail.com)  
Catherine A M de Novaes Viana [catherinenovaes@gmail.com](mailto:catherinenovaes@gmail.com)  
Emilly Saraiva da Silva [emillysaraivads@gmail.com](mailto:emillysaraivads@gmail.com)

Fernanda Lisboa de Andrade [Fernanda.lisboa@gmail.com](mailto:Fernanda.lisboa@gmail.com)  
Julianna Bonfim [bonfim.julianna@gmail.com](mailto:bonfim.julianna@gmail.com)  
Letícia Cardoso Rosas [leticia.rosas1810@gmail.com](mailto:leticia.rosas1810@gmail.com)  
Luan Amoras [luan.amoras17@gmail.com](mailto:luan.amoras17@gmail.com)  
Lucas Gusmão [lukas.nett@hotmail.com](mailto:lukas.nett@hotmail.com)  
Manoel do Nascimento Machado Filho [manoelnmfilho@gmail.com](mailto:manoelnmfilho@gmail.com)  
Patrícia Bittencourt Rodrigues [patriciabittenr@gmail.com](mailto:patriciabittenr@gmail.com)  
Vanessa Canato [vanessacanato@hotmail.com](mailto:vanessacanato@hotmail.com)

## **AS ESTUDANTES-MÃES DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA: DISCUTINDO CONDIÇÕES DE ESTUDO E PERMANÊNCIA**

### **Introdução**

A presente investigação diz respeito à situação de alunas, mães estudantes da universidade que, e ao mesmo tempo em que estudam, têm que cuidar de seus filhos pequenos e das demandas de seus cursos. Muitas vezes, essas mães não têm com quem deixar suas crianças, e as levam para as salas de aula, na tentativa de conseguir dar prosseguimento aos seus estudos. .

No contexto investigado, sobre as estudantes-mães da Faculdade Educação da Universidade de Brasília, do curso de Pedagogia, percebe-se a presença de muitas mães

estudantes que se desdobram em jornadas triplas para conseguir qualificação e oportunidades de inserção no mercado de trabalho. Essas estudantes almejam, por meio do diploma universitário, melhores condições de trabalho e, conseqüentemente, de vida.

No processo de aquisição do conhecimento, se desdobram entre os estudos, o estágio e os cuidados com os seus filhos, na maior parte das vezes, ainda pequenos. Desse modo, muitas dessas mães precisam assistir às aulas com suas crianças, dividindo a atenção entre os conteúdos ministrados e os cuidados que a elas exigem, o que, muitas vezes, as prejudica em aula. Exemplos diversos foram expressos no decorrer dessa pesquisa, em especial, em uma roda de conversa de mães durante a exibição do filme “No começo da vida”, no CINEPET, que aconteceu em outubro de 2016:

*Eu tive uma colega que nossa, ela foi apresentar um trabalho e ela trouxe o neném e aí ela apresentou o trabalho com ele no colo, ele chorando e ninguém se dispôs a pegar a criança no colo "apresenta e eu fico com ele aqui para você". Então falta toda essa questão do apoio dos colegas, dos professores, da estrutura (Participante J.<sup>1</sup> CINEPET, 2016)*

Diante da situação em que a criança e a estudante, enquanto mãe, não possuem suas necessidades e dificuldades reconhecidas, conciliar suas jornadas se torna algo insustentável, ocasionando a evasão de muitas dessas estudantes. Acredita-se que essa situação poderia ser evitada, ou, ao menos, amenizada, com a adequação do contexto às condições dessas educandas, buscando mecanismos para a mudança dessa realidade, propiciando o pleno desenvolvimento e condições de permanência dessas estudantes. O depoimento da Participante J, obtido durante o CINEPET (2016), corrobora a situação:

*Eu tenho um filho que hoje tem 3 anos e eu cheguei a trancar a faculdade quando eu tive. Não quando eu engravidei. Quando eu engravidei eu fui até o final. Porque eu tive ele em agosto, então as aulas foram até finalzinho de junho. Só que quando foi*

---

<sup>1</sup> As participantes da roda de mães no CINEPET, 2016, foram denominadas na pesquisa pela primeira letra de seu nome, para preservação de suas identidades. O CINEPET é um evento semestral no PET Educação FE UNB, para exibição e discussão de filmes com a comunidade.

*para voltar o semestre, eu achei que eu ia dar conta. Pensei ah vou fazer a distância né? Porque tem... não é a distância, como se chama mesmo? Você pega as disciplinas e faz em casa. Estudo domiciliar! Só que eu pensei gente, eu não vou pegar domiciliar porque vai ser praticamente a mesma coisa. Eu vou dar foco primeiro no meu filho. Fazia pouco tempo que ele tinha nascido e estava muito pequenininho. Então, fiquei com muita dó e pensei não vou fazer isso com ele, vou disponibilizar 100% do meu tempo para ele. Então eu tranquei o semestre, precisei trancar o semestre. Eu tenho colegas que hoje já estão formados, formaram semestre passado e eu to aqui ainda, mas eu não me arrependo de ter trancado o semestre, até porque ia ficar muito puxado e sou mãe pela primeira vez. Então pensei é o meu primeiro filho, preciso colocar foco nisso né, então acabei deixando a faculdade em segundo lugar e a maternidade em primeiro lugar. E quando eu voltei no outro semestre, eu cursei comente três matérias para poder acompanhar o desenvolvimento do meu filho. Eu acho que aqui na universidade como eu falei para vocês tem todas essas coisas que faltam: a estrutura, o incentivo dos professores, mas não me arrependo de ter trancado.*

Apesar de a pesquisa ter por foco as mães universitárias, pela condição que elas possuem enquanto estudantes, não é possível ignorar os direitos das crianças que delas dependem. A falta de estrutura no espaço acadêmico se traduz, também, em negligência com as próprias crianças, pois as mesmas dependem das mães, que se encontram desamparadas. A participante A, denuncia a questão enfrentada nesse contexto (CINEPET, 2016):

*Eu tive uma colega que estava grávida e estava faltando apenas uma disciplina para ela se formar e nessa mesma sala aqui, sala 4, ela conversou com a professora, ela ia ter bebê em outubro. No início do semestre ela conversou com a professora e a professora diante da sala toda olhou para ela e disse "não, você pode ir para casa, eu não vou liberar você para estudos domiciliares" e ela falou "professora, mas só falta essa disciplina para eu me formar, eu tenho condição de fazer" e ela disse "não, você fez a opção de ter seu filho, então vá ter seu filho e depois você volte para fazer minha disciplina". Ela trancou e depois que a criança nasceu e já estava maior, ela voltou e fez a única disciplina que faltava com outro professor.*

A criança se desenvolve através do brincar e não se pode marcar um horário exato para que isso aconteça, pois é um processo natural de aprendizado que ela estabelece na sua interação com o mundo. Elas experimentam e exploram espaços, possuindo o direito a autonomia de seu próprio processo de desenvolvimento, algo que a rotina universitária, do modo que se organiza, não pode oferecer. J B, participante do CINEPET (2016), expressa sua opinião, sobre a existência de espaços para a criança:

*O ambiente da criança é o mesmo do adulto. Pensando aqui na nossa relação com a universidade, será que a criança precisa de uma creche ali separada da gente ou será que a gente não pode fazer lá participar daquela atividade que nós estamos fazendo, de alguma forma? Porque o filme trouxe muito essa reflexão, que a criança também pode estar no nosso espaço, no espaço da aula. A gente não precisa tirar a criança da sala de aula. Uma turma tem no mínimo 15 alunos, então ainda mais a gente de pedagogia que está aqui mais para pensar sobre a nossas práxis, a gente poderia pensar em várias formas diferentes com quem elas participem também desse ambiente. Não necessariamente um ambiente isolado, tipo "ah ali vai ser a salinha da creche e aqui vai ser onde a gente vai ficar", assim de uma forma que as duas faixas etárias possam estar juntas aprendendo...*

Compreende-se a falta de condições para estudantes mães e, por consequência, das crianças, como um atentado aos direitos fundamentais, entre eles o direito à convivência familiar, como poderemos verificar nos parágrafos posteriores referentes às legislações. É dever da família, da sociedade e do Estado, colocá-las a salvo de qualquer situação ou forma de negligência e de discriminação entre outros direitos. A participante da roda de mães no CINEPET (2016), fala sobre a problemática:

*Eu vejo como realidade na faculdade de educação que não tem muita flexibilidade dos alunos e dos professores, não só aqui na pedagogia. Tenho amigas de outros cursos aqui na UnB que enfrentam a dificuldade. Quem está gestante também passa por isso, não só quem já teve o filho. Então, é todo um processo que eu acho que a gente precisa ter uma visão mais ampla, dessa flexibilidade, de entender melhor. Realmente eu acho que está muito invisível aqui na faculdade de educação essa questão e acho que a gente não pode deixar de lado (Participante E)*

As Universidades possuem autonomia didática e científica, bem como administrativa e, ainda, de gestão financeira e patrimonial. Possui, assim, condições de reorganização de seus ambientes e de acolhimento aos seus estudantes. Para que as estudantes mães possam ter as condições adequadas e legais, principalmente para a sua qualificação profissional é preciso que a comunidade universitária organize mecanismos para garantir não só a permanência, mas também os meios para que elas consigam realizar com excelência suas atividades sem deixar seus filhos de lado. Em outro relato, no CINEPET (2016), podemos observar a gravidade da situação, e a necessidade de tomada de providências, por meio da fala da participante M:

*Tenho um professor que ele falou no começo da aula que não aceita atestado. Então se eu precisar levar minha filha ao médico no dia da aula dele e levar um atestado e dizer que não pude fazer a prova por causa disso, ele não vai aceitar. Fui levar esse debate para uma outra aula e a professora disse "ué, mas você acha que a universidade tem que sustentar a sua filha?" Algo nesse sentido. Eu acho que a galera tem uma visão muito simplista, muito excludente sobre a questão da maternidade.*

Como dar conta de demandas que tanto exigem? As universidades estão preparadas para esse tipo de situação? Como criar estruturas de apoio a essas mães estudantes nos cursos das universidades? Que tipo de problemas essas mães estudantes enfrentam em seu cotidiano como estudantes? Como auxiliá-las em sua trajetória acadêmica em relação a isso? Que leis a protegem nessa situação? A participante P afirma,(CINEPET, 2016):

*Acho que nós ainda estamos muito atrasados nessa discussão, estamos na UnB, na capital do país e me parece que agora que estamos iniciando algo no sentido. Em outras universidades essa discussão já vem acontecendo há muito tempo, já vem percebendo e reconhecendo as necessidades das trabalhadoras e das estudantes Mães, em relação a um local para o cuidado com seus filhos nas universidades desde os anos de 70 e nós ainda estamos começando essa discussão (...)*

*Na pesquisa, encontramos que oficialmente são 19 federais que possuem creches nas instituições, e que também existem outras federais que possuem esses espaços e não estão na lista por não se enquadrarem em questões relacionadas a pesquisa e tudo mais. Quando fomos a Rio Branco, mesmo não entrando para conhecer o lugar, onde a gente falava do tema da pesquisa, alguém falava que na federal do Acre, na faculdade de pedagogia, existe um espaço educativo para crianças. Acredito que a existência desses espaços nesses diversos locais mostra como essa relação das estudantes mães e das trabalhadoras mães é um fato social que precisa de maior visibilidade (P).*

## **Princípios e leis**

Iremos aqui dar um panorama geral sobre as legislações que irão se referir aos direitos da mulher como estudantes-mãe nas universidades, bem como alguns direitos relativos às crianças.

Nossa carta magna, a **Constituição** de 1988, garante a igualdade de entre homens e mulheres, a começar pelo caput do artigo 5º da CF 88 e seu primeiro inciso que, em sua letra, afirma que:

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

I - homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição;

Derivado desse inciso, temos extensa legislação nacional e internacional para a promoção dessa igualdade, que segue o do princípio da isonomia, princípio este constitucionalmente imputado à administração pública no caput do artigo 37º da CF 88. Este princípio parte da ideia de igualdade para os iguais e desigualdade para os desiguais, para, portanto poder haver tratamento e políticas diferenciadas, tais como as

ações afirmativas de cotas, a fim de alcançar a equidade de oportunidade para todos os brasileiros.

Em 1995 aconteceu a Quarta Conferência Mundial sobre as Mulheres, em Pequim, denominada de **Convenção de Pequim**. O objetivo do encontro era alcançar a igualdade de gênero e acabar com a discriminação contra mulheres e meninas de todos os lugares do mundo.

A Declaração e a Plataforma de Ação de Pequim oferecem um roteiro seguro para a preservação das conquistas já alcançadas e para a obtenção de novos avanços em prol das mulheres, no interesse do aprimoramento de nossas sociedades como um todo.

O status das mulheres tem avançado em alguns aspectos importantes desde a década passada. Dados, de até 2013, do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – Inep apontam que o ingresso de mulheres nas universidades brasileiras é maior que o de homens, sendo o total de 55% nos cursos de graduação presencial. A pesquisa também aponta que esse número sobe para 60% quando falamos dos alunos que concluem o curso. Entretanto, em uma roda de mães que aconteceu na Universidade de Brasília, foi relatado que a maternidade, do modo que é abordada se torna um empecilho para a conclusão do curso de graduação. Isso acarreta um baixo número de estudantes mães nas universidades e nos outros níveis do sistema educacional brasileiro, pois elas não possuem local onde deixar seus filhos e filhas, e principalmente por não haver um espaço para acolhimentos dos mesmos, causando assim consequências prejudiciais para o bem-estar da estudante mãe e de suas crianças. Concorda-se que isto requer medidas e ações urgentes, com espírito de determinação, esperança, cooperação e solidariedade, agora e ao longo do próximo século.

Os Estados que trabalharam na Plataforma de Ação de Pequim em 1995 identificaram doze áreas de preocupação e todas permanecem, sendo desafios importantes a serem alcançados. As doze áreas temáticas são: Mulheres e pobreza; Educação e Capacitação de Mulheres; Mulheres e Saúde; Violência contra as Mulheres; Mulheres e Conflitos Armados; Mulheres e Economia; Mulheres no Poder e na liderança; Mecanismos institucionais para o Avanço das Mulheres; Direitos Humanos das Mulheres; Mulheres e a mídia; Mulheres e Meio Ambiente; Direitos das Meninas.

Como foi citado na convenção, ‘Os direitos das mulheres são direitos de todos’, podemos concluir que todas as mulheres ‘mães’ tem o direito a uma educação digna e segura, podendo ter onde deixar seus filhos e filhas garantindo a formação curricular dessas mães nas universidades e nas escolas. O fortalecimento das mulheres e sua plena participação, em condições de igualdade, em todas as esferas sociais, incluindo a participação nos processos de decisão e educação são fundamentais para o alcance da igualdade, desenvolvimento e paz.

O Estado também tem a obrigação de garantir a dignidade da pessoa humana de acordo com artigo 1º, parágrafo III. É um princípio absoluto de nosso ordenamento jurídico, adjetivo raro em nossa legislação. Dele se desdobram diversas outras garantias, que iremos tratar neste projeto.

O capítulo III, seção I, intitulado Da Educação, traz em seu bojo que,

Art. 205. A educação, **direito de todos** e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, **visando ao pleno desenvolvimento da pessoa**, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL. 1998).

Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

I - igualdade de condições para o acesso e **permanência** na escola (BRASIL, 1988).

Ambos os artigos, apresentam a concepção de que a educação é um direito de todos, desse modo, devendo ser garantida sem distinção. Assegurando condições de permanência do educando e qualidade do ensino, possibilitando, o "pleno desenvolvimento da pessoa".

Ainda na CF de 88, no artigo 6º, temos garantido o direito de proteção à infância e à maternidade. Porém essa proteção à maternidade, no contexto das mães universitárias, se limita a exercícios domiciliares. No tocante à esses exercícios teremos a regulamentação pelo o Decreto-lei nº 1.044, de 1969 que institui o tratamento

excepcional para os “alunos de qualquer nível de ensino, portadores de afecções congênitas ou adquiridas, infecções, traumatismo ou outras condições mórbidas, determinando distúrbios agudos ou agudizados”. Desse decreto-lei deriva-se a Lei nº 6.202 de 1975, que garante a partir do oitavo mês de gestação e durante três meses à estudante em estado de gravidez o regime de exercícios domiciliares. Nota-se aqui que a maternidade é tratada como um “estado passageiro”, como se ao final dos três meses de licença garantidos por lei, essas mães não necessitassem mais de nenhum tipo de assistência até os quatro anos, quando o Estado garante a obrigatoriedade da escola (BRASIL, 1988). Outra coisa que chama a atenção em relação a esses dispositivos são suas datas de promulgação, antes mesmo da proclamação de nossa constituição vigente. Ambos fazem parte de um arcabouço legal antigo que coincidem cronologicamente com a segunda onda do feminismo que atingiu a América Latina que “surge sob o impacto do movimento feminista internacional e, como consequência do processo de modernização que implicou uma maior incorporação das mulheres no mercado de trabalho e a ampliação do sistema educacional.” (COSTA, 2013), portanto não têm como princípio a evolução dos direitos humanos, mas sim a lógica de mercado e da contenção das demandas sociais.

Para além disso, como o tempo garantido por essa licença é de somente três meses, o referido dispositivo legal vai de encontro com as recomendações da **Organização Mundial de Saúde – OMS**, em que os bebês devem ser amamentados até os dois anos de idade, sendo que nos primeiros seis meses de vida, o aleitamento materno exclusivo é imprescindível para a saúde da criança, não devendo ser oferecido nenhum outro tipo de alimento nessa fase da vida infantil.

Analisando então o histórico jurídico relativo à primeira infância, observa-se que sua importância é um assunto tratado pelo Estado há muito pouco tempo, apesar da CF de 1988 garantir o direito à infância desde sua promulgação. A competência para legislar sobre a proteção à infância é concorrente da União, de acordo com o art. 24º, parágrafo XV, que consiste na competência da União para legislar somente sobre normas gerais, e aos Estados e ao DF sobre normas complementares, porém nunca contrárias àquelas.

Fazendo uso dessa competência, temos, hoje o **Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA**, Lei nº 8.069/90, em que a criança é entendida como “pessoa até doze anos de idade incompletos”, a primeira infância, então, compreende o “período que abrange os primeiros 6 (seis) anos completos ou 72 (setenta e dois) meses de vida da criança.”, trazido como emenda pela na lei nº 13.257 de 2016, o **Marco Legal da Primeira Infância**, uma lei que considera o período sensível dos primeiros anos de vida da criança. Essa última lei nos traz os “princípios e diretrizes para a formulação e a implementação de políticas públicas para a primeira infância em atenção à especificidade e à relevância dos primeiros anos de vida no desenvolvimento infantil e no desenvolvimento do ser humano”.

Voltando à análise do ECA, seu art. 5º afirma que “Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma de lei qualquer atentado por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais” (BRASIL, 1990). O Artigo 16º, do referido documento, trata do direito à liberdade das crianças, que compreende em ocupar os logradouros públicos e espaços comunitários além do direito de **expressar-se nesses ambientes de forma orgânica e integral de uma criança, brincando e divertindo-se**. Ou seja, participando da vida pública através da interação com a comunidade, considerando as suas particularidades. No Artigo 18º, é destacada a obrigação de todo os cidadãos e entes sociais em velar pela dignidade da criança, “pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor.” (BRASIL 1990)

Ao retirar uma criança de um ambiente direta ou indiretamente, estando consciente de suas necessidades de desenvolvimento, não apenas é um constrangimento pelo simples ato em si e uma limitação ao direito à sua liberdade nas diversas formas expressas no ECA, como também é excluir a mãe dessa criança desses espaços.

Para atender essas mães e crianças há respaldo constitucional e legal sobre a obrigatoriedade do Estado em garantir vagas em creches, de acordo com os artigos 7º inciso XXV e artigo 208º inciso IV, assim como no ECA artigo 54º inciso IV e artigo 208º inciso III, e na LDB artigo 11º inciso V. Este último, no entanto, diz que o ensino fundamental deve ser garantido com prioridade; deixando portanto uma brecha para o

não cumprimento da necessidade da assistência ao ensino de 0 à 4 anos, e por consequência às mães, dentre elas as universitárias.

Dados do Observatório do PNE, site que reúne dados de diversas organizações com o intuito de acompanhar as metas do Plano Nacional de Educação - PNE, mostra que em 2014 apenas 29,6% das crianças de 0 a 3 anos eram atendidas em creches pelo Estado. Percebe-se claramente a ineficiência do Estado em garantir não somente um lugar adequado para as especificidades dessas crianças, mas também sua ineficiência em promover a igualdade de gênero, dado que a mulher é a maior responsável pela família com filhos sem cônjuge, representando 87,4% desse arranjo familiar (IBGE, 2010), é, portanto, dedutível que à ela não está garantida a equidade de oportunidades.

Analisando as políticas públicas para a promoção da equidade de gênero relativas à educação, temos letras genéricas no PNE artigo 2º inciso III que tem como diretriz erradicação de todas as formas de discriminação e na LDB artigo 3º inciso I que garante a “igualdade de condições para o acesso e permanência na escola”. Falta então uma lei específica que garanta às mães estudantes que não têm com quem deixar seus filhos o direito de permanecer e estudar com aproveitamento pleno das aulas para ter rendimento satisfatório.

Com efeito, sendo o acesso à educação direito subjetivo garantido pela constituição, essas mães têm seu direito prejudicado pela falta de assistência do Estado, em especial no período de 0 a 4 anos da criança, tempo este que poderia estar sendo usado para a capacitação da mãe, coincidentemente o tempo médio de uma graduação superior, e por consequência para uma melhoria da qualidade da vida financeira e familiar.

De acordo com o **Regimento Geral da Universidade de Brasília**, é dever de todos os membros da comunidade universitária (docentes, discentes e servidores técnico- administrativos), contribuir para a realização das finalidades da instituição. Destacamos, no caso do regimento dessa universidade, as partes que mais se aproximam aos intentos da presente investigação:

- Art.3º - São finalidades essenciais da Universidade de Brasília o ensino, a pesquisa e a extensão, integrados na formação de cidadãos

qualificados para o exercício profissional e empenhados na busca de soluções democráticas para os problemas nacionais;

- Art. 2º - A Universidade de Brasília goza de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, em conformidade com a Constituição Federal;
- Art.139 - A comunidade universitária é constituída por docentes, discentes e servidores técnico-administrativos, diversificados em suas atribuições e funções, unidos na realização das finalidades da Universidade;
- Art. 140 - É dever de todo membro da comunidade contribuir para a realização das finalidades da Instituição;
- Art. 70 - VII compromisso com a paz, com a defesa dos Direitos Humanos e com a preservação do meio ambiente;

Não temos notícia de um **Estatuto da Faculdade de Educação**. No que tange ao tema aqui abordado, a faculdade se baseia no estatuto da Universidade de Brasília, juntamente com uma minuta elaborada no conselho que ainda consiste em um processo de aprovação.

Entende-se que as referidas leis abrem espaço para qualificar e garantir condições de estudo e permanência das estudantes mães na universidade. Para conhecer de modo mais efetivo e aproximado a realidade delas, pensando nas variadas questões que envolvem a problemática, o PET Educação participou de rodas de conversas com estudantes mães da UnB, para entender o problema de um modo mais amplo e, realizou também, uma pesquisa junto às mães estudantes da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, realizando questionário e rodas de conversa livre com elas.

### **Rodas de conversa com mães da UnB**

As rodas de mães, que acontecem em vários espaços da Universidade de Brasília, servem para dar visibilidade às demandas que elas necessitam no cotidiano, como estudantes e mães. Muitas delas, não têm com quem deixar seus filhos e os levam para a universidade, para que possam estudar.

A primeira roda de conversa com mães da UnB ocorreu no Centro Acadêmico de Sociologia. Uma segunda roda, na Faculdade de Educação da UnB, com participantes de outros cursos, além do curso de Pedagogia, com 18 pessoas presentes. Desse contingente, 14 eram mães de vários cursos da Universidade. Foi passada uma lista para que todos pudessem colocar seus contatos.

Na fala das mães houve uma unanimidade de que, todas, em algum momento de seu curso, sofreram discriminação ou constrangimento por parte de professores, que muitas vezes fazem pressão psicológica negativa para suas alunas mães desistirem de suas disciplinas, e, ainda, constrangimento por parte de seus colegas em sala de aula.

Nós, do PET – Educação, nos apresentamos para as pessoas presentes, e falamos um pouco da pesquisa que está sendo realizada dentro do nosso espaço e que será de extrema importância para conhecer as necessidades tanto das mães, quanto das crianças que já estão presentes no espaço universitário.

Outra fala muito importante foi sobre a falta de espaço que a Universidade ainda não fornece, para se falar sobre maternidade, e que as chapas nas eleições para o Diretório Central dos Estudantes têm em suas pautas a instalação de creche no espaço da Universidade de Brasília, mas, que quando assumem a gestão, esse tipo de pauta some das prioridades e nunca são concretizadas. Foi falado sobre o Programa Infanto-Juvenil da Associação dos Funcionários da Universidade de Brasília que funciona ao lado da Faculdade de Direito, mas que não atende os filhos das mães estudantes haja vista que o valor é muito alto para muitas delas.

Uma das mães, que faz parte de um grupo de advogadas feministas, nos explicou sobre o projeto que ela e umas amigas organizaram para que garantissem que as estudantes-mães pudessem levar seus filhos para as manifestações em segurança. O projeto intitula-se "Cirandas pela Democracia", defende que as mães precisam ocupar os espaços políticos da universidade. Além disso, ela levantou alguns pontos a respeito das questões legais das mães dentro da universidade e se dispôs a auxiliar o PET Educação, em dúvida e dando apoio legal e moral ao grupo.

Outra estudante-mãe falou sobre a necessidade de se ter um canal de comunicação entre as mães da universidade para assuntos ligados à maternidade e para

se conhecerem. Também foi levantada a possibilidade de haver um cadastro das mães da universidade para registro das demandas.

A roda desse dia foi finalizada com alguns assuntos gerais como resolução de temáticas para as próximas rodas. Foi decidido que as temáticas não seriam decididas com muita antecedência, e que assim que surgissem assuntos médios ou muito urgentes para serem tratados uma nova roda seria marcada para discussão.

Por meio dos relatos nas rodas de conversa, evidenciou-se o esforço de mães estudantes que precisavam levar seus filhos pequenos para a aula. Sem possuir um espaço adequado para essas crianças na faculdade, compartilham o tempo e atenção dedicados às aulas com os cuidados de seus filhos, que também as acompanham em sala. Além desse fato, muitas dessas alunas passam, constantemente, por constrangimentos por causa da presença das crianças, por meio de comentários e ações de professores que não compreendem e nem buscam entender a situação.

Diante desse contexto, investigou-se também, o que faz as estudantes-mães do curso de pedagogia levarem seus filhos a esse ambiente, em que os discursos negam a possibilidade de receber crianças, ignorando que elas já se encontram inseridas nesse espaço. Isso cria uma situação de invisibilidade, tanto das estudantes na condição de mãe, das crianças, como parte da comunidade, o que inviabiliza a possibilidade qualquer suporte institucional essas alunas.

Tentando compreender um pouco mais a especificidade do fato no contexto da Faculdade de Educação, aplicou-se um questionário com estudantes-mães do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Buscou-se conhecer o perfil dessas estudantes, pensando em compreender as necessidades, dificuldades e especificidades delas e de suas crianças, que precisam se adaptar aos espaços e tempos da universidade.

### **Estudantes –mães do curso de Pedagogia**

O **questionário** aplicado, foi um questionário piloto realizado com as estudantes mães da FE e, apontou que, esse grupo, em sua maioria, é composto por mulheres com idade de 25 a 30 anos, estudantes do curso diurno e do curso noturno de Pedagogia.

46% dessas alunas são solteiras, separadas, ou divorciadas, de modo que não possuem a ajuda de um/a companheiro/a nos cuidados cotidianos de suas crianças. Porém, 21% delas moram na casa de seus pais, com quatro pessoas, ou mais.

Em relação à renda, podemos perceber que a renda das mães do curso de pedagogia da Faculdade de Educação é bem variada. Há um número expressivo de mães **com renda menor que um salário mínimo ou até mesmo sem nenhuma renda individual**, dessa forma, dificultando o acesso a creches particulares ou babás. 38,5% das alunas ganham até R\$1.760,00, valor com qual é impossível financiar uma creche de qualidade, considerando que essas mães possuem outras despesas além da creche. Desse modo, 76,9% dessas estudantes, não podem financiar, sozinhas, uma creche privada para a criança ficar enquanto ela se encontra em aula.

A instituição pública de cuidados com as crianças não se configura uma alternativa, já que os números de vagas oferecidas nas creches não atendem as demandas. O PIJ- Projeto Infante-Juvenil, existente na universidade para atender crianças da comunidade, além de possuir uma taxa mensal relativamente alta para o perfil financeiro dessas alunas, impossibilitando seu acesso a muitas mães, atende apenas crianças de dois a dez anos de idade limitando a possibilidade dessas estudantes deixarem seus filhos menores de dois anos de idade no referido projeto.

Procurou-se saber, na pesquisa, sobre a frequência com que a criança vai à FE juntamente com a mãe. Mais da metade das estudantes mães que participaram da pesquisa, possuem a necessidade de trazer suas crianças ao ambiente universitário. Apenas 15% delas nunca trazem seus filhos para a faculdade, sendo que, entre esses 15% se encontram mães que ainda não retornaram ao estudo desde o nascimento de suas crianças. Isso evidencia a forte relação que muitas dessas crianças possuem com a FE, independentemente de seu reconhecimento, pois nasceram em meio aos estudos dessas alunas, convivendo desde bebê, crescendo, criando memórias nesse espaço.

Observa-se que muitas das crianças possuem **menos de cinco anos de idade**. Pensando em termos escolares, essa seria a faixa etária da educação infantil, o que indica, dessa forma, a necessidade de espaços para brincar, interagir com o meio e de experimentar. Porém, muitas vezes, devido à falta de espaço adequado e à necessidade de se enquadrar a uma rotina escolarizada, ignoram-se as necessidades e interesses da

criança, exigindo assim, que se encaixem ao padrão comportamental do adulto, de horas de silêncio e quietude, como é o caso da rotina das salas de aula na universidade.

Buscou-se saber quais as **atividades, os espaços** e com quem as crianças ficam quando estão na universidade. 92% das alunas responderam que **as crianças as acompanham nas salas de aula**, e que levam brinquedos, lápis de cor para as elas se distraírem. No entanto, as utilizações desses recursos para a distração não são muito eficientes. Como evidencia o relato de umas dessas estudantes;

*Bem, ela fica intetida com algum jogo ou vídeo do celular por algum momento em sala de aula e, após alguns longos minutos, quando nada mais chama atenção, ela pede para ir lanchar e ir embora. Não temos onde deixar, **uma salinha** como se fosse uma brinquedoteca, muitas vezes as aulas ficam perdidas.*

Esse coletivo expõe não possuir suporte institucional no cuidado de seus filhos quando estão na FE, contando apenas com a **ajuda de colegas de curso**. Isso demonstra a necessidade de trazer a criança para a faculdade, onde ela é **invisibilizada**, marginalizada e excluída da comunidade na condição de mãe estudante.

Ter que acompanhar as aulas enquanto—se desdobram nos cuidados com as crianças pode ser muito prejudicial para as estudantes em relação ao aproveitamento do que se discute na sala, afetando seu rendimento. Dessa forma, percebe-se a impossibilidade, dessa estudante enquanto mãe, de focar, ao mesmo tempo, nos estudos e nos cuidados que os filhos e ter total aproveitamento de ambas as atividades.

As estudante-mães desempenham essas tarefas, mas, não possuem suporte para tal. Lidam com a incompreensão de educadores, que deveriam ser conscientizados sobre a situação e ter mais compreensão, e, às vezes, com a reclamação dos colegas sobre a permanência das crianças em sala de aula. Isso acarreta em um grande nível de estresse para essas alunas, de acordo com suas falas.

Muitas vezes, as alunas podem contar com o auxílio de avós, pais e a escola no cuidado das crianças para que elas possam estudar. Mas, mesmo as mães que possuem esse tipo de apoio, relatam que esses suportes não acontecem em tempo integral, e apesar de isso ajudar muito, não resolve a situação, pois, no período contrário, elas não

têm com quem deixar as crianças, tendo, assim, a necessidade de leva-la com ela para as aulas. Há também relatos de mães, em que os filhos, devido à idade, não frequentam a escola, e não possuem parentes que possam ajudar, assim, não tendo nenhum suporte, levam o filho com elas na perspectiva de não abandonar o curso.

Já ouviu um caso de **evasão do curso**, como aconteceu com uma ex-aluna da Faculdade de Educação. Em seu depoimento, a aluna nos contou que optou por trancar o curso de pedagogia do noturno, e fazer uma faculdade de dois anos e meio em outra instituição. Falou sobre a dificuldade de conciliar a maternidade, com os estudos e o trabalho, de modo que continuar na UnB por mais de quatro anos, seria algo inviável. Isso evidencia a situação de invisibilidade, negligência e de exclusão diante da situação das estudantes na condição de mães.

No questionário aplicado, a grande maioria das estudantes mães de pedagogia já pensou em algum momento da graduação, em **abandonar o curso**, porém, mesmo conseguindo levá-lo um pouco mais adiante. Foi necessário o **trancamento de disciplinas** para conciliar a maternidade e a faculdade, de modo que as estudantes ficam **defasadas** em relação ao fluxo do curso de pedagogia, prolongando, consideravelmente, a sua formação.

Como já foi citado anteriormente, além das **dificuldades**, de **prejuízo** em relação ao aproveitamento do conteúdo, **prolongamento** do término do curso, **risco de evasão**, essa situação também possui grande **impacto na vida da criança**, que é submetida a um padrão de comportamento e a uma rotina que pertence aos adultos, e não ao universo infantil.

Diante dessa situação, por que não criar um **espaço de acolhimento** para as estudantes-mães e suas crianças, na própria faculdade de educação, organizado com base nas **necessidades das estudantes-mães** em relação aos estudos e de suas crianças? De acordo com as mães estudantes, elas, com o auxílio de outros estudantes voluntários na FE, já se revezam no cuidado dessas crianças para que possam estudar ou entrar em sala de aula. Entretanto, não possuem um espaço oficial, e nem adequado para isso.

A elaboração de tal espaço, além de oferecer um ambiente adequado e pensado a partir das necessidades das estudantes-mães e de suas crianças, possibilitaria maior aproveitamento, pelas alunas de seu desempenho acadêmico, de modo a não precisar

dividir sua atenção, durante as aulas, com os cuidados de seus filhos, sabendo que esses estão seguros em um ambiente que trabalha para o seu desenvolvimento, que está junto com ela, integralmente nesse processo.

No intuito de conhecer possíveis projetos que envolvessem crianças na Universidade de Brasília, investigamos àqueles que estão em funcionamento nesse contexto. Entretanto, de antemão, podemos observar que eles estão voltados especificamente para o desenvolvimento de habilidades dessas crianças em determinadas atividades, tais como a musicalidade ou a corporeidade. Apenas o projeto Cirandas, da FUP, em Planaltina assume a intencionalidade de criar um espaço de apoio às mães estudantes e de suas necessidades junto às suas crianças. Porém, o modo como se estrutura o projeto em questão, em tempo-escola e tempo-comunidade, em que as mães residem na universidade por um determinado período para poderem estudar, dá uma especificidade à situação que não se assemelha a das estudantes do curso de Pedagogia. Apesar disso, optou-se por descrevê-los aqui, com o intuito de demonstrar de como esses espaços, mesmo em suas singularidades, estão organizados para receber essas crianças.

### **Projetos com crianças na Universidade de Brasília**

No decorrer da investigação sobre projetos que recebem crianças, ou que, eventualmente, auxiliam mães e servidoras universitárias no cotidiano dentro da instituição em que estudam e/ou trabalham, por meio da promoção de um espaço de acolhimento pedagógico para seus filhos dentro da academia, foi constatado que na Universidade de Brasília – UnB existem ambientes que trabalham com crianças.

Com o intuito de conhecer como eles se estruturam, e a que objetivo atendem, é que fazem parte da presente investigação. A princípio, os projetos identificados foram: 1) Curso de Música para crianças; 2) Projeto de educação infantil ciranda e; 3) Projeto Infante Juvenil – PIJ.

### **Curso de música para criança**

As informações sobre o projeto descritas a seguir, foram recolhidas na entrevista concedida pelo Professor Ricardo Dourado, responsável pelo projeto Música para

Crianças no Departamento de Música da UnB. Ocorreu no dia 6 de maio de 2016. Duas representantes do grupo Programa Tutorial de Educação – Educação (PET-EDU) participaram desse momento.

Constatou-se que o curso foi fundado no ano 2002, acontecia aos sábados, utilizando apenas uma sala de aula. Portanto, em 2004 contaram com duas salas disponíveis e gradativamente este número evoluiu. Atualmente, utilizam todas as salas do Departamento de Música. Em função das atividades acontecerem durante os sábados, dias que não há aulas do Departamento de Música, as salas encontram-se livres para o uso por parte dos integrantes do projeto.

Atualmente, existem 48 alunos regulares e alguns ex-alunos colaboradores do curso de música, os mesmos atendem 900 crianças distribuídas em 70 turmas de musicalização. Os colaboradores trabalham em duplas, sendo um na função de professor e o outro de monitor. O coordenador Ricardo Dourado, ao longo do semestre, ministra alguns cursos de formação que preparam os professores, e estes preparam os monitores.

O projeto não recebe nenhum recurso financeiro da UnB. O curso cobra uma taxa de R\$ 400,00 por semestre de cada aluno e, com essa verba, ele se mantém. O dinheiro é investido da seguinte maneira: 20% do dinheiro arrecadado é pago para o Departamento de Música pelo uso e manutenção das salas; 80% é utilizado para pagar os professores e monitores, e para a compra e aquisição de instrumentos musicais.

Segundo Ricardo Dourado, em 2001, ele lançou o projeto na plataforma do Sistema de Extensão da UnB - SIEX. Após a aprovação, ele negociou com o Departamento de Música para utilizar o espaço da instituição. O projeto é renovado a cada dois anos na plataforma.

Na entrevista, o professor esclareceu que os integrantes do projeto não se responsabilizam pelas crianças desacompanhadas. Todas vão acompanhadas pelos os pais e eles são os responsáveis. O objetivo do projeto é trabalhar em parceria com as famílias. Então, nas aulas com os bebês os pais ficam na sala durante a atividade. Nas outras turmas, os responsáveis podem assistir às aulas, ou do lado de fora da sala. Ao final, todos são convidados para realizarem uma atividade juntamente com as crianças.

O projeto atende crianças a partir de seis meses de vida e não é definida idade máxima para participação. Algumas crianças estão no projeto desde 2007 e vão

passando de nível até que conclua, também não existe uma idade máxima para a conclusão do curso.

A grande maioria das crianças reside no Plano Piloto. As outras crianças moram em Águas Claras, Taguatinga, Sobradinho e Planaltina. Há também uma pequena parcela das crianças moram em cidades satélites mais afastadas como Gama, Ceilândia, Samambaia.

### **Projeto de educação infantil ciranda**

O projeto é coordenado pela professora Eliete Ávila Wolff. Acontece na UnB, na Faculdade UnB Planaltina – FUP. É um espaço educativo/recreativo/de cuidado organizado pelas mães, estudantes e professores do Curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC).

Tem como principais objetivos: I) oferecer o serviço de educação infantil para os filhos e filhas do/as educando/as, durante o tempo de aula no curso, evitando a evasão; II) Possibilitar a formação pedagógica de educandos(as), educadores(as) e cirandeiras(as), através do desenvolvimento de atividades educativas com as crianças, por meio de oficinas, envolvendo os alunos do LEdoC, proporcionando-lhes maior domínio do uso de recursos didáticos diversos, assim como uma experiência educativa com uma das etapas do desenvolvimento humano e; II) Oferecer espaços de reflexão e pesquisa sobre as contribuições da Ciranda para a LEdoC e sobre a infância do campo.

Originou-se nos Movimentos Sociais do Campo, que organizam espaços para receber as crianças, filhas e filhos de militantes, durante os cursos de formação, estudos, reuniões ou mobilizações. O público alvo é a Educação Infantil, ou seja, atendem crianças de 0 a 5 anos, filhas(os) das(os) Educandas(os) do Curso de Licenciatura em Educação do Campo. Oficinas de matemática, Letramentos Múltiplos, Astronomia, e saúde preventiva.

O projeto possui alguns aspectos pedagógicos norteadores. As crianças possuem uma rotina pré-estabelecida, elaborada em diálogo com as mães. São realizadas reuniões semanais de reflexão juntamente com as mães sobre aspectos organizativos e pedagógicos da ciranda. Ocorrem trocas de experiências entre estudantes sobre a presença da ciranda na LEdoC; Existem momentos de resgate das vivências sobre a

infância trazidas das unidades, pelos estudantes da LEdoC. São compartilhadas histórias e brincadeiras da educação infantil do Campo; Durante as místicas são resgatados aspectos da infância.

### **Projeto infante juvenil – PIJ.**

O Programa Infante juvenil (PIJ), é mantido pela Associação dos Servidores da Fundação Universidade de Brasília, ASFUB, possui sede no Campus Universitário Darcy Ribeiro – UnB, Gleba “A”, ao lado da Faculdade de Direito. Iniciou em 1983 e desde então tem crescido e se firmado como uma experiência complementar ao ensino regular. O PIJ é também um local onde se proporciona oportunidade de crescimento para todas as crianças.

Com mais de duas décadas atendendo aos filhos de professores, técnicos e outras clientelas, o programa tem atividades diárias nos turnos manhã e tarde, que incluem passeios em parques, museus, escolas, clubes etc. Visa atender necessidades pontuais dos pais ou responsáveis, assumindo a guarda da(s) criança(s) no período contratado, conforme cláusulas prevista em contrato assinado entre as partes. Podem frequentar o PIJ crianças a partir dois anos a dez anos, filhos de associados da ASFUB, dos alunos da UnB e da comunidade externa.

As atividades são oferecidas e conduzidas de forma lúdica, dando ênfase às experiências vividas e de interesse da própria criança. São atividades destinadas ao desenvolvimento psicomotor e ao potencial criativo através de aulas de artes, recreação, natação, acompanhamento pedagógico e outras.

A instituição funciona de segunda-feira a sexta-feira, das 8 às 12 horas e das 14 às 18 horas. O programa também possui o recanto noturno, destinado atender os interessados, assumindo a responsabilidade e guarda de seus filhos, a partir das 19 horas até às 23 horas.

### **Programa de atendimento as crianças em espaços fora da Universidade.**

Entende-se que existem também lugares, fora da universidade, que poderiam apoiar essas estudantes, oferecendo um local adequado as necessidades das crianças

para que elas possam frequentar as aulas. Como as creches, porem iremos explicar de porque esses programas não atendem a necessidades delas.

### **Creche**

Inicialmente, a creche se instaurou como assistência, a fim de suprir as carências culturais das crianças de famílias mais pobres, assim, as preparando para o ensino fundamental. No entanto, com CF de 88 passou a ser entendida como um direito da criança, tendo como pré-requisito apenas ter entre 0 a 3 anos, assim, abandonando a antiga concepção de espaço destinado a pobres carentes de cultura.

Muitos dos direitos das crianças apenas foram assegurados na Constituição Federal de 88, conquistados por meio da demonstração de força dos Movimentos organizados. A luta pela creche pública, em um primeiro momento, foi reivindicação **de movimentos composto por Mães feministas**. Soares (2015) afirma que esse movimento das mães se deu pelos desafios que essas possuem no cuidado de seus filhos em uma sociedade patriarcal, onde a responsabilidade do cuidado do lar é atribuída principalmente a ela. Porém, havia, e ainda há, a necessidade dessas mães trabalharem para sustentarem os seus filhos, impossibilitando o cuidado com as crianças em tempo integral. Apesar dos textos oficiais responsabilizarem tanto a família, quanto o estado e a sociedade civil nessa tarefa, corriqueiramente, **esse papel ainda é atribuído às mulheres** devido às heranças históricas que compreende a ela esse papel.

Diante desse cenário, em que se configura a sociedade atual, a creche é fundamental no processo de emancipação da mulher, contribuindo para que ela se insira e qualifique para mercado de trabalho. Atualmente, o acesso à creche pública ainda é limitado, não atendendo as demandas das mães que precisam trabalhar e/ou estudar e não possuem local adequado para os seus filhos ficarem enquanto estão ausentes.

Essa realidade, de falta de vaga para todos nas creches públicas, é destacada pelo Plano nacional de Educação – PNE 2014-2024, na meta 1, quando propõe a universalização das pré-escolas e expansão das vagas nas creches, que de acordo com as pesquisas do INEP realizadas em 2013 atendiam 23,3% da população. Mesmo que a meta traçada seja alcançada, atingindo 50% de acesso nas creches, ainda não irá contemplar a universalidade, dessa forma evidenciando que a política pública

educacional não atende a todos, sendo necessário que as estudantes mães, **por não terem prioridade no processo de seleção para a creche**, pensem em alternativas diferentes que encarregue dos cuidados de seus filhos para que possam terminar seus estudos.

Para conseguir uma vaga em uma dessas instituições, os pais ou responsáveis devem apresentar CPF, RG, comprovante de residência e de renda, certidão de nascimento da criança, **informar se a mãe tem algum emprego** e se está em situação de vulnerabilidade social, laudo médico, risco nutricional e medida protetiva, se for o caso. Assim, evidencia-se que a mãe estudante, mesmo fazendo estágio, se encontra nos últimos lugares para acessarem essas instituições.

### **Auxílio creche**

O Auxílio Creche é um benefício concedido aos estudantes em vulnerabilidade econômica, desse modo, diferente da creche que, apesar de ser um meio para emancipação da mulher, é direito da criança, o auxílio creche é para quem dele precisa, pertencendo ao campo da assistência. O auxílio é previsto pelo PENAES afim de possibilitar a permanência dos alunos na Universidade.

O programa apoia financeiramente os alunos matriculados no curso de graduação presencial, que possuem filhos em idade da Educação infantil, ou seja, idade de 0 a 6 anos incompletos, nas despesas com creche. Segundo as palavras do diretor da DAIE/Proex José Maia, da Universidade Federal do Pará – UFPA, citação evidenciando a importância desse recurso, “permite a igualdade de desempenho acadêmico para os nossos alunos, a maternidade e a paternidade devem ser exercidas em harmonia e com a qualidade dos estudos”.

Na Universidade de Brasília, em 2014, ocorreu uma discussão do decanato para implantação do auxílio-creche, pois ao contrário de várias outras Federais existentes no Brasil, a UnB não garante esse auxílio aos seus estudantes. Como resposta dessa discussão, ficou a promessa de que, no futuro a instituição disponibilizaria o auxílio, e também, assegurou-se, aos graduandos em situação de vulnerabilidade socioeconômica que possuem filhos de até 6 anos, a possibilidade de requerer o auxílio-alimentação para a criança.

Essa decisão do decanato sobre o auxílio-alimentação já representa um avanço para as mães que precisam trazer os filhos para a universidade, mas está longe de representar uma solução. Porém, a ação comprova a consciência da instituição sobre a situação das estudantes mães e suas dificuldades, principalmente das alunas em vulnerabilidade socioeconômica, de conciliar a faculdade e a maternidade. Diante desse contexto, se torna urgente um posicionamento sobre esse fato social, buscando um ambiente de estudo seguro, calmo, possibilitando total concentração e melhor aproveitamento.

### **Projetos com crianças nas Universidades Federais no Brasil.**

No nosso país já existem diversas universidades que reconhecem o direito das crianças de um lugar adequado, onde, para além da assistência, e que se preocupe com o educar e com o desenvolvimento integral. A existência desses espaços além de atender as necessidades das crianças, reconhecem as dificuldades de funcionárias e **estudantes mães** em suas jornadas, oferecendo meios para que elas tenham pleno aproveitamento das atividades que desempenham.

Como exemplo, podemos destacar o processo histórico de implantação de um espaço educativo na Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, que possui em seu campus o Centro Educacional Criarte. A necessidade desse espaço, para filhos de funcionários e estudantes foi detectada por meio de um estudo realizado pela Divisão de Assuntos Comunitários da antiga Sub-Reitoria da UFES em 1975. Com esse resultado elaborou-se um projeto para atender as demandas iniciais, com turmas que atendiam, gratuitamente, crianças de 2 a 4 anos, funcionando em uma sala disponibilizada pelo Centro de Artes da instituição. O projeto se efetivou em 1996 e percorreu um grande caminho até ter a configuração e estrutura que possui hoje. Conquistando prédio próprio para seu funcionamento, revisão pedagógica com vinculação ao centro pedagógico, passou a ser responsabilidade da reitoria. Nessa responsabilização da reitoria pelo CEI Criarte, construiu-se uma nova prática educativa, vinculando o espaço a pesquisas realizadas na

universidade, auxiliando no fortalecimento do papel da instituição na perspectiva do ensino, pesquisa e extensão, buscando uma reflexão contínua sobre a educação infantil.

Essas mudanças possibilitaram a inserção do CEI Criarte na Associação das Unidades Universitárias Federais de Educação Infantil – AUUFEI, classe responsável por delimitar as Diretrizes Institucionais para as Universidades Federais de Educação Infantil. Em seu texto, as diretrizes trazem a preocupação e respeito com a singularidade de cada um desses espaços, que surgiram de modos distintos em cada Universidade Federal.

O texto traz em seu bojo, que os Projetos Políticos Pedagógicos dessas unidades devem estar em consonância com os desafios colocados para a educação pública, considerando os PCN's da Educação Infantil. Onde, para além de um centro de educação para crianças, se configure como um espaço de formação profissional, fundamentando pesquisas, e dessa forma, se inserindo efetivamente na estrutura universitária.

Em 2013, foi realizada a listagem das Creches Universitárias do Brasil associadas a ANUFEI, que contavam com 19 unidades registradas. No entanto, sabe-se que existem outros espaços educativos nas universidades federais que não estão inclusas no cadastro da ANUFEI. Elas não estão em nenhum levantamento oficial, como, por exemplo, o ambiente existente na Faculdade de Pedagogia da Universidade Federal do Acre. Isso foi verificado na visita do PET- Educação a Rio Branco para o ENAPET 2016. A falta de registro desses espaços, impossibilitam a contabilização de quantos desses locais existem, ao total, no país.

**O presente trabalho, não busca, inicialmente, propor elaboração de um espaço na universidade para a promoção de pesquisa e estágio, como acontecem Universidade Federais de Educação Infantil. A existências e história desses espaços destacam a possibilidade da presença de crianças nos contexto universitário, evidenciando, também, a necessidade de amparo institucional às estudantes mães nas universidades, afim de possibilitar o pleno aproveitamento das atividades que são desenvolvidas, garantindo o atendimento das necessidades de seus filhos pequenos que precisam acompanha-las.**

Percebe-se que a necessidade de trazer os filhos para a universidade, um ambiente, muitas vezes, inadequado às necessidades infantis, não é uma especificidade da UnB, ou da Faculdade de Educação, mas uma questão que se apresenta em todo o país. O tema já tem sido discutido em diversas Federais, se concretizando em ações que atendem as demandas das estudantes e funcionárias mães.

### **Conclusão:**

As condições atuais das estudantes-mães na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília sugerem um encaminhamento de abertura para o diálogo em uma maior dimensão, para além desse primeiro levantamento, no sentido de que esse fato social, nesse contexto, possa ser tirado da invisibilidade em que se encontra, e tratado em uma maior dimensão, como pauta da comunidade aqui inserida.

A problemática das estudantes-mães, nesse contexto, requer a união de setores dentro da Faculdade e, da Universidade, para qualificar o ambiente do estudo e da permanência das estudantes, com a qualidade devida.

Assim, pergunta-se: como criar condições para a melhoria dessa situação? O que podemos construir juntos? Essa é uma pergunta que só poderá ser respondida com o diálogo e com a participação de toda a comunidade.

Diante do exposto, sugere-se que seja criando um **espaço de acolhimento e de convivência** para as **estudantes mães** no âmbito da **Faculdade de Educação** em que elas possam, nos intervalos entre as aulas, permanecerem ao lado de suas crianças para estudar, amamentar, trocar fraldas, descansar, como um ponto de apoio para suas necessidades na condição de estudantes mães.

Sugiro que a organização e os materiais integrantes desse espaço sejam deliberados em conjunto com as estudantes-mães. Como essas se encontram dispersas no âmbito desta faculdade seria conveniente reuni-las com a Direção da Faculdade para tal deliberação.

Cumprе acrescentar que essa iniciativa pioneira está alinhada com as melhores práticas de ensino, pesquisa e extensão, o que reverte na melhoria do desempenho das estudantes e da própria Faculdade de Educação, tornando-a um marco nas iniciativas de inclusão das estudantes-mães.

Considerando que março é o mês da mulher, e maio, o mês das mães, seria oportuno anunciar a constituição desse espaço nesse mês de abril.

Assim, dado ao processo de reorganização das salas e espaços na Faculdade de Educação, no presente momento, vem-se por meio dessa, solicitar que seja reservado, nessa nova configuração, um espaço de convivência para as estudantes-mães na Faculdade.

## REFERÊNCIAS

**PIJ-** *Projeto Infante Juvenil*. Disponível em: <http://www.asfub.unb.br/pij>. Acesso em: 24 de mai. de 2016.

\_\_\_\_\_ **ASFUB** / UnB. Disponível em: <http://pijasfub.xpg.uol.com.br/quemsomos.htm>. Acesso em: 24 de mai. de 2016.

**BRASIL.** *Constituição Federal de 1988*. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicaocompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm)>. Acesso em 10/10/2016. Acesso em 10/10/2016.

**BRASIL.** *Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)*. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm)>. A

**CINEPET.** *Roda de mães da Faculdade de Educação*, Universidade de Brasília, 2016

**COSTA,** Ana Alice Alcantara. *O movimento feminista no Brasil: dinâmicas de uma intervenção política*. Revista Gênero, v. 5, n. 2, 2013.

**ESTATUTO** da Universidade de Brasília. <<https://drive.google.com/drive/folders/0B49SOddGMalaSVVQTjJIREJFeUU>>. Acesso em 10/10/2016.

**PEQUIM,** *Convenção* de. Disponível em: [http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2014/02/declaracao\\_pequim.pdf](http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2014/02/declaracao_pequim.pdf). Acesso em 10/10/2016.

**REGIMENTO INTERNO** Da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Disponível em: <  
<http://www.fe.unb.br/images/noticias/2014/files/Regimento%20Interno%20-%20Versao%20final%20da%20Comissao.pdf>>. Acesso em: em 10/10/2016..

SOARES, Brenda Vanessa Pereira. **A POLÍTICA PÚBLICA CRECHE NO BRASIL COMO FERRAMENTA DE EMANCIPAÇÃO E AUTONOMIA DAS MULHERES: BREVE CONSIDERAÇÕES**. UFMA, VII Jornada internacional de políticas públicas. 2015. Disponível em: <  
<http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2015/pdfs/eixo6/a-politica-publica-creche-no-brasil-como-ferramenta-de-emancipacao-e-autonomia-das-mulheres-breves-consideracoes.pdf>> Acesso em: 13/10/2016.

**Portal UFES**, Criarte Centro de Educação Infantil. Nossa História. Disponível em: <<http://criarte.ufes.br/conteudo/nossa-hist%C3%B3ria>> Acesso em: 18/10/2016

**Portal Brasil**. *Mulheres são maioria no ingresso e na conclusão de curso superior*. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/educacao/2015/03/mulheres-sao-maioria-no-ingresso-e-na-conclusao-de-cursos-superiores>> Acesso em: 18/10/2016

GUIMARÃES, Fabiane. PREGO P. Jessica. **Decanato discute implantação de auxílio-creche para o próximo ano**. Campus Online, 2014. Disponível em: <<http://campus.fac.unb.br/arquivo/campus12014/universidade/item/1728-especial-m%C3%A3es-na-unb>> Acesso em: 19/10/2016

**PORTAL UFPA**. *Pais universitários têm direito ao Auxílio Creche na UFPA*. Disponível em: <<https://portal.ufpa.br/imprensa/noticia.php?cod=10608>> Acesso em: 19/10/2016

**LEITE MATERNO**. *Dez passos para o sucesso da amamentação, segundo recomendações da OMS/UNICEF*: Disponível em: <  
<http://www.leitematerno.org/oms.htm>> Acesso em: 23/10/2016

<http://www.observatoriodopne.org.br/metas-pne/1-educacao-infantil/indicadores>  
Acesso em 29/10/2016

<http://www.ibge.gov.br/apps/snig/v1/index.html?loc=0> Acesso em 29/10/2016

## **ANEXOS**

### **1. Cinepet: O começo da vida e Café com as mães do dia 27 de outubro de 2016 (transcrição do áudio da discussão realizada)**

[..]

**M:** O legal é que em muitas mães aqui. Se você for por ver por um lado, tem muita gente que passa por essas situações. Não é só uma coisa aqui. E é isso o que a gente está estudando, essa invisibilização. Tem uma invisibilidade enorme. As pessoas não tratam como se fosse algo importante.

**J:** Desde a questão estrutural.... Falta por exemplo, um fraldário. Então, para você trazer seu filho aqui, você tem que estar disposto a trocar ele no carrinho. Falta essa questão estrutural. E falta a questão também de apoio dos professores, eles olham as vezes com uma cara. Eu sei porque eu tenho colegas que trazem. Nunca cheguei a trazer meu filho aqui porque eu moro longe e tenho que disponibilizar um certo tempo para arrumar tudo, mas agora já quero trazer. Ele está com 3 anos, está maiorzinho. Mas eu vejo assim de colegas que tem filho pequeno, recém-nascido e trazem e a gente vê os olhares dos professores. Então, um apoio da parte dos professores.... Para alguns professores eu acho que é bem-vindo, mas alguns professores não gostam e acho que falta esse apoio, de alguns colegas também. Eu tive uma colega que nossa, ela foi apresentar um trabalho e ela trouxe o neném e aí ela apresentou o trabalho com ele no colo, ele chorando e ninguém se dispôs a pegar a criança no colo "apresenta e eu fico com ele aqui para você". Então falta toda essa questão do apoio dos colegas, dos professores, da estrutura. Então, aquele aluno que vai ser um futuro pedagogo, mostra que não tem paciência...

**M:** Desconhece aquela realidade...

**J:** Desconhece aquela realidade... A gente está estudando poxa, para ser um pedagogo. A gente está formando para ser educador, então no mínimo o consentimento do professor seria bem-vindo.

**M:** São todas essas problemáticas que trazem essas discussões. Eu vejo um momento desse importantíssimo trazer essas discussões. Esse momento que a nossa tutora, Patrícia Pederiva, estabeleceu essa ponte com a casa de Ismael foi importante. A gente vê, a gente está estudando tudo isso e vê na prática toda a dificuldade.

**J B:** Acho interessante nesse momento a gente fazer uma roda de apresentação. Se vocês puderem dizer o nome, qual a idade do filho de vocês.

**M:** Vamos começar por a gente mesmo. Eu sou o M, faço pedagogia mesmo, estou quase formando. Sou petiano e também estamos desenvolvendo atividades na casa de Ismael. E o que falar, bom tenho várias amigas que são mães, então eu presencio a dificuldade, os relatos delas. Como são pessoas próximas de mim, não é difícil não se comover. É muito ruim ver uma colega sua deixar de fazer várias atividades, sair para um passeio por causa do filho, ou estar na sala de aula e as pessoas ficarem com a cara feia porque ela trouxe o filho. São essas coisas que tocam a gente, me tocam. Então, me identifiquei muito com a pesquisa e com essa proposta de estudar essa invisibilidade das mães aqui na faculdade de educação. Então é isso, estou adorando, não abro mão. Reconheço que é um problema social que é invisibilizado e não é tratado como prioridade, sendo que tem diversas mães tendo dificuldades, diversas mães trancando a faculdade por não dar conta de não ter esse olhar humano de um professor, da coordenação, da direção para estar aqui na sala de aula, na graduação.

**E:** Sou a E, estou no 7º semestre e se tudo der certo o semestre que vem é o último. Estou no PET já há uns dois anos e esse foi o projeto mais diferenciado que a gente teve, que trabalha uma questão social. A atividade de hoje é para tentar conhecer um pouco além de compartilhar o filme. A gente está na semana universitária e todo mundo está na loucura para conseguir um certificado e tem as aulas..., mas é entrar em contato com as mães da faculdade de educação para conhecer e apresentar esse projeto que a gente tem, que a gente está desenvolvendo, a pesquisa. E é isso.

**J B:** Meu nome é J e se tudo der certo também formo semestre que vem. A minha experiência de maternidade é a da minha irmã. Ela tem três filhos, o primeiro veio com 15 anos. E essa questão da maternidade sempre foi muito presente na nossa casa. Essa responsabilização individual da mãe. O pai sempre tem como se livrar de alguma forma e a responsabilidade é sempre direcionada para a mãe. E foi interessante essa pesquisa até como auto crítica sabe? Que eu me peguei pensando várias vezes, será que eu ajudo a minha irmã como eu poderia ajudar? Será que eu também não estou individualizando esse processo? Na minha experiência é o que eu queria compartilhar por nunca ter tido filhos...

**J:** Meu nome é J, também me formo no próximo semestre, se der tudo certo. Eu tenho um filho que hoje tem 3 anos e eu cheguei a trancar a faculdade quando eu tive. Não quando eu engravidei. Quando eu engravidei eu fui até o final. Porque eu tive ele em agosto, então as aulas foram até finalzinho de junho. Só que quando foi para voltar o semestre, eu achei que eu ia dar conta. Pensei ah vou fazer a distância né? Porque tem... não é a distância, como se chama mesmo? Você pega as disciplinas e faz em casa. Estudo domiciliar! Só que eu pensei gente, eu não vou pegar domiciliar porque vai ser praticamente a mesma coisa. Eu vou dar foco primeiro no meu filho. Fazia pouco tempo que ele tinha nascido e estava muito pequenininho. Então, fiquei com muita dó e pensei não vou fazer isso com ele, vou disponibilizar 100% do meu tempo para ele. Então eu tranquei o semestre, precisei trancar o semestre. Eu tenho colegas que hoje já estão formados, formaram semestre passado e eu to aqui ainda, mas eu não me arrependo de ter trancado o semestre, até porque ia ficar muito puxado e sou mãe pela primeira vez. Então pensei é o meu primeiro filho, preciso colocar foco nisso né, então acabei deixando a faculdade em segundo lugar e a maternidade em primeiro lugar. E quando eu voltei no outro semestre, eu cursei comente três matérias para poder acompanhar o desenvolvimento do meu filho. Eu acho que aqui na universidade como eu falei para vocês tem todas essas coisas que faltam: a estrutura, o incentivo dos professores, mas não me arrependo de ter trancado. A única coisa é que ainda to cursando né, estou terminando, mas eu acho que valeu a pena.

**E:** Bom, meu nome é E, estou no 5º semestre. Não sou mãe, mas tenho experiência em casa. Minha irmã teve filho muito cedo, na graduação. Então a faculdade dela foi a distância e era bem complicada ela conciliar a faculdade dela com o trabalho, por mais que a gente ajudasse também. Eu vejo como realidade na faculdade de educação que não tem muita flexibilidade dos alunos e dos professores, não só aqui na pedagogia. Tenho amigas de outros cursos aqui na UnB que enfrentam a dificuldade. Quem está gestante também passa por isso, não só quem já teve o filho. Então, é todo um processo que eu acho que a gente precisa ter uma visão mais ampla, dessa flexibilidade, de entender melhor. Realmente eu acho que está muito invisível aqui na faculdade de educação essa questão e acho que a gente não pode deixar de lado.

**S:** Meu nome é S, estou na pedagogia, no 7º semestre, se tudo der certo também formo no próximo. Não sou mãe, não tenho nenhuma experiência muito próxima com alguém que seja mãe. Mas eu vejo aqui na faculdade essa dificuldade das mães de ter participado de aulas com colegas que estavam com a criança e nem tanto dos professores, mas de outros colegas de olhar assim "porque essa criança está aqui?". Uma vez eu trouxe a minha afilhada e como ninguém sabia se era minha filha, as pessoas olhavam para mim e parecia que era um monstro. É muito estranho e por mais que eu não seja mãe eu senti aqui essa dificuldade de estar com criança na faculdade e as pessoas estarem olhando estranho. Para quem é mãe deve ser muito pior, tem o sentimento da maternidade, ele é muito maior do que isso. As meninas aqui devem se sentir muito ignoradas. Então, quando eu vi também a pesquisa, nas salas perguntando quem era mãe e quem sabia da pesquisa, eu achei bem interessante. É algo inovador mesmo aqui na faculdade, essa iniciativa.

**L:** Meu nome é L também faço parte do PET.. (Áudio muito ruim)

**M:** Meu nome é M, eu sou de ciências sociais. Minha filha tem 7 meses. Eu também tranquei né, ela nasceu em março e voltei agora. E é isso, falta de estrutura e dizer para as mães e para os pais também né, mas mais as mães que "eu não vou dar esse espaço para vocês porque vocês não merecem". Tenho um professor que ele falou no começo

da aula que não aceita atestado. Então se eu precisar levar minha filha ao médico no dia da aula dele e levar um atestado e dizer que não pude fazer a prova por causa disso, ele não vai aceitar. Fui levar esse debate para uma outra aula e a professora disse "ué, mas você acha que a universidade tem que sustentar a sua filha?" Algo nesse sentido. Eu acho que a galera tem uma visão muito simplista, muito excludente sobre a questão da maternidade.

**P:** Eu sou a P do PET-Educação também, estou no 6º semestre. Essa é uma questão que eu não vivenciei por não ser mãe, mas convivi muito com a minha irmã. Ela foi daqui da pedagogia. Ela entrou depois de já ter um filho, quando a minha sobrinha tinha um 1 ano e pouco, mas ela teve que desistir do curso, noturno, pela dificuldade de conciliar com o trabalho. Então ela optou por uma faculdade de dois anos e meio que é particular, pelo horário e até currículo mesmo ser mais flexível. Eu vi essa dificuldade, da faculdade não amparar a aluna mãe, não propiciar um ambiente que possibilite e auxilie que essas estudantes concluam o curso. Então, eu acho a questão proposta para essa pesquisa muito interessante, essa discussão que a gente teve no PET, oportunizou um novo olhar para a questão da maternidade e a faculdade evidenciou as dificuldades de conciliar os dois. É muito complicado, mas é um assunto que deve ser falado e as pessoas precisam perceber que a mãe precisa desse cuidado. Então ela precisa ter essa questão do amparo para poder assistir as aulas.

**A:** Então vamos começar, esse é o filme **Começo da vida** que foi utilizado no evento para os profissionais da educação infantil e a Secretaria de Educação utilizou o filme para promover o debate e nós assistimos também lá na casa de Ismael. Se alguém quiser ir lá na casa de Ismael conhecer o espaço da educação infantil, sinta-se à vontade.

[...]

**P:** Essa é a professora C, especialista em educação infantil, trabalha na Casa de Ismael, professora você é o que da casa de Ismael mesmo?

**Cida:** Me perguntaram se eu sou consultora da casa, eu não sou consultora, sou assessora da casa de Ismael e responsável pelo departamento de Educação

Tudo relacionado a criança me interessa muito, então quando a Patrícia me falou desse trabalho do PET, das mães da FE a gente fica tocado, sensibilizado porque nós sabemos muito da dificuldade delas. Conciliar estudo, trabalho, não é fácil né? É como se estivesse fazendo malabarismo. Se você tem 3, 4 coisas para fazer, como é que você vai estar equilibrando tudo isso no dia a dia? Tem hora que uma questão está mais evidenciada e outra também, mas o importante é que a gente não deixe nada para trás por conta de qualquer uma dessas "bolinhas", por conta de qualquer responsabilidade que a gente assuma. E nós entendemos, nos sensibilizamos com essa questão das mães aqui na UnB. Não sei se vocês sabem desse Instituto Alana, tem uma representante dele aqui em Brasília e aí nós fomos lá no Fórum de Educação Infantil, não sei se vocês já ouviram falar, que é um espaço de discussão da sociedade civil, do governo, é super apartidário e temos discussões exatamente nessa perspectiva do direito da criança. Então, aqui estamos vendo os direitos de vocês, mães universitárias que traz uma série de questões, inclusive a evasão. A mãe tem dificuldade no trabalho e ela não pode deixar seu filho e ela não pode deixar suas atividades, ela tem que estudar. Então, levamos essa situação lá para a pessoa responsável, a R e falou que talvez viria aqui hoje e também tinha uma pessoa da OAB, a Cristiane que também passou por essa mesma situação de ter neném, estar estudando aqui na UnB fazendo direito na época e que também ficou muito apertada com isso porque ela teve muita dificuldade. Apesar de ter todo o suporte e respaldo da família, a gente ainda sente. Ela se prontificou inclusive a gente levar isso até a OAB para discussão e até outras instâncias para que a gente pudesse ver uma brecha na legislação que pudesse trazer alguma possibilidade de um trabalho com vocês e suas crianças. Quem se interessa por educação infantil e quiser participar do fórum também será muito bem-vindo.

**A:** J passou por isso ne? Já minha amiga, a gente iniciou no mesmo semestre.

**J:** E eu to aqui até agora, porque eu tranquei um semestre inteiro porque primeiro que aqui não tinha uma estrutura, então eu quis me dedicar 100% ao meu filho. Não tinha

como ficar trazendo. Os estudos domiciliares, eu pensei eu não vou dar conta porque os professores iam me pedir trabalho, fazer algumas coisas que eu não vou conseguir fazer. Primeiro que a gente não dorme quando a gente é mãe e eu ia ser pela primeira vez, então quis dar foco total ao meu filho. Eu entrei junto com a A e ela já acabou, se formou, e eu ainda to aqui. E quando eu voltei, foi só com três matérias que era para acompanhar o desenvolvimento dele e eu trabalhava também, então para mim foi super puxado. Hoje ele está com 3 anos, está maior, desmamou, já fala tudo, está bem mais fácil para mim. Mas na época foi complicado, foi puxado. Eu via que não tinha a questão estrutural, eu vi colegas que traziam o filho no colo e recebiam olhares de professores reprovando, então eu falava não isso eu não quero. Vou ficar com meu filho em casa...

A: Eu tive uma colega que estava grávida e estava faltando apenas uma disciplina para ela se formar e nessa mesma sala aqui, sala 4, ela conversou com a professora, ela ia ter bebê em outubro. No início do semestre ela conversou com a professora e a professora diante da sala toda olhou para ela e disse "não, você pode ir para casa, eu não vou liberar você para estudos domiciliares" e ela falou "professora, mas só falta essa disciplina para eu me formar, eu tenho condição de fazer" e ela disse "não, você fez a opção de ter seu filho, então vá ter seu filho e depois você volte para fazer minha disciplina". Ela trancou e depois que a criança nasceu e já estava maior, ela voltou e fez a única disciplina que faltava com outro professor.

C: Então é "ou, ou" e não "e, e". Porque isso? Eu tenho filho e não posso cuidar? Você tem que abdicar de uma coisa quando há motivo. Ontem inclusive eu estava falando no IESB, é semana universitária, um pouco da Casa de Ismael e aí eu coloquei na fala as especificidades da educação infantil que as vezes as pessoas fazem o curso de pedagogia e depois vão para a educação infantil e falam assim "eu não fiz pedagogia para limpar bunda de neném" e eu falo "fizemos sim", fizemos pedagogia também para limpar porque é uma necessidade da criança, um dos cuidados. Cuidado da criança não se restringe só a dar banho, a alimentar, a trocar fralda, uma abrangência. Cuidado com o outro, com o ser humano. E esse processo de humanização. E aí a gente dizendo, cada

fase, cada período da nossa vida a gente desprende um cuidado. Quando se é criança, são esses cuidados. Quando é criança maior, são outros cuidados. O adolescente também, e a gente cuida até na universidade. O professor ou professora precisa ter esse olhar atento de cuidar dos estudantes. Então por exemplo, as meninas que fizeram comigo a disciplina. Tinham mães que queriam assistir as aulas, tinham bebês e a gente sabia que não davam conta de ficar o tempo todo, mas a gente tem que entender as questões. E nesse momento nós precisamos reconhecer que o cuidado que nós precisamos ter, esse cuidado que Leonardo Boff fala, do cuidar do outro. Fiquei muito feliz que a campanha da fraternidade agora vai ser essa, o cuidado inclusive com o planeta. Leonardo Boff que é da teoria da libertação, está relacionado a Paulo Freire. Então, é muito importante isso. Desde a educação infantil, idoso tem necessidade diferente de uma criança, as mães universitárias também. Nessa perspectiva que eu acho que nós todos estamos trabalhando.

**J:** A gente tem uma comparação, que a gente tem um professor que está nos formando como um futuro pedagogo, então ele não ter todo esse cuidado com os alunos dele, com as alunas gestantes.... Porque por exemplo, eu nunca fui informada quando eu trabalhava, todo mundo via que eu estava gestante, mas nunca ninguém me falou "você vai prestar os estudos domiciliares?", um professor nunca chegou para mim e falou isso. É uma falta de informação também né, acho que precisava muito disso. Na época eu tive que correr atrás de tudo, bem complicado.

**C:** Então, vamos assistir. O filme é muito lindo. Teve uma sessão essa semana e nós assistimos, na Semana do Bebê. Essa semana está muito própria para a gente estar discutindo aqui, nós estamos falando no direito da mãe universitária e estamos falando do direito da criança. E vocês vão ver que lindo é o filme. Cada um vai se tocar numa parte do filme

Após o filme:

(Transcrição foi impossibilitada devido aos barulhos externos)

[...]

**J:** Quem está cuidando daquela criança? A partir do momento que você cuida, para quem é cuidador, passa por um apoio, por uma segurança e ele passa isso para a criança também.

**S:** Em relação a isso que você falou, eu não sei se vocês sabem, mas um dos princípios da medicina chinesa quando uma pessoa trabalha com esse tipo de medicina, quando ela vai atender uma criança que naturalmente está acompanhada de um adulto, eles priorizam que essa criança seja levada por uma pessoa que mais estabelece um vínculo com ela. Uma mãe, que hoje em dia isso é extremamente velho, não necessariamente é uma mãe. Mas ele só cuida daquela criança especialmente até os 7, 8 anos. E o principal responsável por ela... (áudio ruim). Não existe esse desvio todo. Tanto pelo olhar desse adulto, porque é muito significativo. As enfermidades físicas, **emocionais** da criança está muito relacionada a pessoa que conviveu com ela.

**M:** Eu acho interessante no filme, que muita gente pensa, que quando a criança nasce o afeto dela está diretamente na mãe. E esse filme fala que não é exatamente assim. Tem todo um contexto a ser olhado, tem muitas pessoas envolvidas naquela vida. Muita gente não pensa nisso e transfere a responsabilidade só para a mãe.

**J:** A gente tem muitas tarefas né, as vezes deixa de estudar para poder cuidar da criança

**JB:** Eu achei legal quando ela fala também que o ambiente da criança é o mesmo do adulto. Pensando aqui na nossa relação com a universidade, será que a criança precisa de uma creche ali separada da gente ou será que a gente não pode fazer lá participar daquela atividade que nós estamos fazendo, de alguma forma? Porque o filme trouxe muito essa reflexão, que a criança também pode estar no nosso espaço, no espaço da aula. A gente não precisa tirar a criança da sala de aula. Uma turma tem no mínimo 15 alunos, então ainda mais a gente de pedagogia que está aqui mais para pensar sobre a nossas práxis, a gente poderia pensar em várias formas diferentes com quem elas participem também desse ambiente. Não necessariamente um ambiente isolado, tipo "ah

ali vai ser a salinha da creche e aqui vai ser onde a gente vai ficar", assim de uma forma que as duas faixas etárias possam estar juntas aprendendo...

**C:** Seria uma experiência diferente né, e rica.

**E:** Lembrei que ano passado a gente fez um pré-estudo aqui e a gente estava na plenária e aí tinha um rapaz que ele era do Rio, mas tem um filho que mora aqui e aí trouxe o filho para cá. Gente, eu saí daqui morrendo de vergonha. Porque estava todo mundo se inscrevendo para falar e aí a criança levantou a mão para falar e todo mundo ignorou. Aí terminou a reunião, o pai dele falou assim "o meu filho está muito chateado, porque ele pediu a fala e vocês não deram".

**C:** Onde foi?

**E:** Foi aqui na faculdade de educação. Na hora eu não tinha reparado, estava lendo a ata da reunião e aí quando ele falou isso e assim tudo o que a gente fala se contradiz a ação.

**J:** É contraditório...

**M:** Pessoas que deveriam estar cientes da situação.... Um professor, a partir do momento que adota uma postura com uma aluna que está nessa postura de amamentação... você está formando docentes, cuidadores e você retira a pessoa desse ambiente ou priva ela daquilo.

**P:** Você desconsidera o que ela tem a dizer. Porque para você ignorar a fala de uma criança primeiro você tem que ter a concepção de que ela não tem nada a dizer.

**C:** E aí vai desde o início do filme né, quando a pessoa fala que as crianças não soltaram as asas...

**M:** São os maiores cientistas né...

**J:** E quando você desconsidera a fala dele, você desconsidera que ele é um ser humano também, que ela está ali com pensamentos, com a criatividade. Desconsidera um ser humano.

**S:** A gente está o tempo todo falando da questão da criança como um sujeito e como a gente tem que se voltar para isso, mas nas horas da prática a gente acaba deixando a desejar. No momento que ela falou (Emilly), a criança queria falar, mas quem prestou atenção?

**Cida:** Ela não foi ouvida né?

**P:** Mas esse é um processo de desconstrução da gente, dos pedagogos, porque a gente cresceu em um sistema onde a criança é silenciada. Então para começar a permitir que ela fale, dar esse espaço de fala, é necessária uma desconstrução, e é algo que vai acontecendo aos poucos.

**C:** Foi quando começou a se pensar isso no âmbito da Secretaria da criança, mas a Secretaria de Educação já fazia a Plenarinha, que era ouvir mesmo as crianças. Este ano, foi muito discutido o espaço, a cidade, a criança ocupando os espaços porque as crianças foram tiradas daqui. E no lugar das crianças o que a gente vê aí? (Ruídos externos que impossibilitaram transcrição) relata a existência de um material do MEC intitulado “Deixa eu falar”... Já algum tempo a gente está discutindo isso, tem aquele vídeo inclusive que a gente passou lá casa de Ismael [...] O plano distrital da primeira infância. [...] que fala da criança ocupando os espaços da cidade

**A:** A discussão trabalhou a questão da escuta sensível, da gente escutar as crianças dentro das escolas e para que elas fizessem parte também da elaboração do projeto político pedagógica. E esse ano foi a cidade que as crianças querem, como é que elas enxergam esses espaços, como elas estão inseridas dentro e fora da escola.

C: Tem um parquinho, eu não sei em qual região administrativa que é ocupado por usuários de crack, bem pesado. A professora começou a levar as crianças para brincar naquele espaço, pedindo licença para quem estava lá e aí eles "ah, então vocês querem mesmo brincar aqui nesse espaço" e as crianças "queremos". Nunca mais eles voltaram lá para usar crack.

## **FILME**

C [...]. Essa passagem da mãe como primeira vivência, primeira amostra de humanidade. A relação que se estabelece com a mãe vai fazer uma diferença enorme na vida da criança, influenciando como ela vai se relacionar com as outras pessoas. Estava conversando com a Sheyla, que não devemos, também, ser deterministas, por que uma mãe que possui condições de cuidar de seu filho, ela possibilita a criança, como primeira referência, essa questão das relações que a criança irá estabelecer com outros futuramente, mas também se pode criar esse vínculo com outras pessoas, sem ser necessariamente com a mãe. De repente ela não sabe ser mãe, ou não tenha condições também, e abre mão do seu filho não por ser negligente, mas por percebe que não dá conta e se submete a isso para o bem da criança. É um ato de amor.

No filme, tem algumas coisas que me incomodam. Eles são neurocientistas e falam muito do investimento, no capital humano. Acho que isso incomoda um pouco porque fica parecendo um investimento para o futuro, uma perspectiva muito mercadológica.

E: Fica claro na fala de que a cada um dólar investido em educação tem-se o retorno de sete dólares no futuro.

C: Exatamente, mas eles são economistas e nós até entendemos o objeto de estudo deles é um bem diferente do nosso, mas temos que ter um olhar crítico, o economista pensa assim, mas nós da pedagogia, como pensamos?!

S: Acho muito interessante ter acesso a essa diversidade de opiniões, de pontos de vista. A gente sabe que cada um desses profissionais pertence a um lugar, seja um país, uma

profissão que desenvolve, seja a área de pesquisa e atuação que cada um tem, mas é importante saber que essa diversidade de pontos de vista existe e que todas elas influenciam cotidianamente o que se constitui mundialmente a nossa educação hoje. Esse filme é americano né? Sendo americano, onde a visão do monetário, do capital prevalece sob qualquer condição humana. Acho que é importante a gente olhar para isso, por que as vezes a gente se enclausura no mundo ou em uma concepção de mundo. Por mais que nossa realidade, as estruturas que fazemos parte, os espaços que desenvolvemos alguma ação, no caso pedagógica, partindo de nossas crenças, eu acredito que pode ser de uma forma aqui, mas precisamos saber e conhecer, onde nos nossos espaços podemos minimamente nos movimentar para mudar essa perspectiva. Quando ela (Patrícia) coloca a desconstrução é nossa, Perfeito! É totalmente nossa. Porque eu penso que a nossa maior luta não é no campo da técnica ou da cidadania, ou coisas parecidas, **ela se encontra no campo da humanidade**. Somos brasileiros, e temos 500 anos de história, onde, o que os nosso pais nos ensinou os responsáveis por nós é consequência de gerações que possuem a mesma perspectiva. Tem uma coisa muito legal que encontramos sempre na internet, dizendo que se eu estou em um mundo que me incomoda, é porque eu estou aqui para fazer ele diferente. Mas isso não é fácil, é o nosso maior desafio, eu acho que especialmente no campo da educação é a desconstrução, reconstrução, construção de um de uma nova cultura, e nossa cultura esta intrinsicamente ligada ao nosso humano. É importante saber que esse tipo de visão (catalisa) existe, e infelizmente prevalece em nossas estruturas.

C: Tanto prevalece que destacando a questão da licença maternidade. Hoje já e um ganho com o funcionalismo público, a licença maternidade de 6 meses. Mas ao falar de da maternidade, onde a maioria, trabalha em instituições privadas é mais complicado. Coloquei aqui “ **Dizer ao chefe que estava grávida é a coisa mais difícil do mundo.** ” Imagina uma coisa tão natural como a gravidez e tem que ficar escondendo... (*áudio ruim*, estava falando sobre a importância da amamentação, e de que não é as mães que possuem a possibilidade de amamentar) ...aí sobre a alegação de que pode estar contaminado porque não sabe como a mãe coletou esse leite são questões que desconsideram. Mas mesmo assim, tem que, às vezes, fazer essa leitura crítica. O que a

Sheila falou do investimento na condição humana que até hoje no mestrado não se leva em conta não é levado a sério

**P:** percebe-se até pelas pesquisas que na área da Educação sobre os bebês o número é muito pequeno quase não existe quando falamos do desenvolvimento essas coisas muito difíceis encontrar algo sobre.

**C:** por isso a gente fala da importância de você vivenciar E visibilizar o bebê porque o bebê na educação infantil se eu for trabalhar com uma criança de 3 anos minimamente eu sei como trabalhar, mas eu quero escolarizar várias vezes eu quero aquela visão que a gente tem de escolarização E o pior que os nossos bebês estão sendo escolarizadas sabe professores estão sentando os deveres para fazer aquelas atividades horrorosas que muitas vezes tem mais a mão do professor que do próprio bebê. Então a grade vem trazendo aquele viés, de trabalhar com crianças **muito pequenas, crianças pequenas e crianças**. Então a rede de ensino não sabe trabalhar com bebês e acaba reproduzir o que eles trabalham com as crianças de 4 e 5 anos, que também já está sendo trabalhado como se fossem no ensino fundamental. É uma tristeza!

**J:** Estamos antecipando algo que não está na idade, ela precisa brincar.

**C:** Em falar de brincadeira, nós estávamos conversamos muito sobre isso no Gama. Geralmente tem que ter hora para brincadeira, eles colocam uma grade curricular para criança da Educação Infantil. No ensino fundamental anos iniciais já não deveria ter uma grade assim e muito menos na educação infantil. Nesse trabalho então tem a hora do brincar, em vez da brincadeira linear todas as atividades, fica limitada apenas um horário.

Queria falar apenas mais uma coisa, de modo geral, é a questão do ambiente. Quando falamos da organização do espaço o professor ou educador é responsável pela organização do espaço. Eu recebi um dia desses um vídeo de uma pessoa conhecido, onde, na casa dela havia um espaço organizado, como se fosse uma escolinha, muito bem montada, mas a criança tem que ficar no mesmo ambiente que estão os adultos. No vídeo tem uma passagem da criança brincando com um fogãozinho, mas ela não está

separada, não está no canto, ela está brincando no mesmo espaço que nós estamos. É muito interessante que o sentimento de pertencimento da criança naquele espaço em diferentes contextos, de pertencente a uma família, a uma escola, uma instituição, uma sala. Eu vejo aquela criança, porque é uma criança também, cuidando dos seus irmãozinhos e a repórter pergunta

**J:** porque ela não tem sonhos né

**A:** Ela não tem tempo de ter sonhos, é a consequência de não proporcionar às crianças o que elas necessitam, essa é uma dessas consequências e é algo muito forte.

**CSim.** Questão das relações estabelecidas, ou é de competição ou de colaboração. Nós precisamos fazer isso, esse exercício da cidadania. Você se posicionar no lugar do outro. Fala da empatia, como é que eu gostaria de ser tratado nessa mesma situação em que o outro se encontra? Isso é um exercício.

**E:** uma coisa que a gente escuta todos os dias e que é inevitável, não podemos deixar de falar sobre isso, que a questão **“o pai ajuda”**. O pai tem tanta responsabilidade quanto a mãe, então passa o pai falando que ele quem lava a roupa, a louça, quando a mãe está com bebê amamentando e que ele só está fazendo a obrigação dele. Então eu acho eu acho sim bem forte, porque pai ajuda enquanto para mãe é percebido como obrigação. Temos que desconstruir isso, é um dos principais discursos relacionados à questão da Maternidade de que a responsabilidade é da mãe, e quando o pai assume essa responsabilidade é tido como o paizão.

**C:** O pai é parceiro. A coisa também que é muito legal nesse vídeo é que fala sobre a adoção de mães e de pais, casais homoafetivos. Mas uma coisa que sempre me toca muito, acha que eu deslumbro mais que a criança da situação de risco, de vulnerabilidade social, das condições precárias que percebemos nos lugares, ver essas crianças nessas situações, nessas condições, mostra que ser pobre é uma violação dos direitos humanos.

**A.:** Acho que fica muito presente para mim que trabalho na Casa de Ismael, e acredito que para as meninas dos Pet, que estão fazendo vivência lá, muitas vezes, nós fazemos

juízos dentro da própria instituição. Principalmente quando chega um bebê, a gente pensa “Tadinho dele, é tão lindo! Como é que a mãe tem coragem que fazer isso”. O filme traz essa questão do não julgar. Não é porque essas mães ou esses pais não amem seus filhos, é que, muitas vezes, eles estão sobrecarregados com as circunstâncias que eles vivem. Não é que queremos julgar se é certo ou errado, mas muitas vezes, nós olhamos para aquela criança ali e é a primeira coisa que passa pela nossa cabeça, como no caso daquela mãe que coloca que com 37 anos se percebeu com 12 filhos “ela engravidou porque quer, hoje no posto de saúde tem camisinha, pílula, ela está engravidando porque quer”. Não se sabe da realidade da outra pessoa, pela fala dela ela só queria saber ouvir os filhos, mas ela não sabe como, então não tem como a gente cobrar daquela mãe uma postura diferente.

**J:** Até pela criação dela você ver ela comentando do que ela viu quando ela era criança o pai espancando a mãe

**A:** às vezes a gente escuta na Casa de Ismael as pessoas comentando: “mas poxa quando os meninos não trabalham, os adolescentes não trabalham, eles possuem tudo né, tem casa, comida, televisão, roupa lavada”

**C:** Mas não é isso que eles querem. Eu tive oportunidade de falar com a Márcia Rollemberg, no final Abril, no evento que estávamos participando, lavei minha alma. Tive a grande oportunidade de dizer que nós precisamos entender que as crianças em situação de risco, de vulnerabilidade social, não podem ser retiradas da família pela Vara da Infância, ser acolhida em uma instituição e esquecer essa família lá. A mãe, junto com essa criança, também precisa receber apoio. Hoje nós vemos muito isso, a criança é encaminhada por negligência, abusos, maus-tratos e uma série de questões, mas o que vai adiantar se a criança vai para instrução, e por pior que seja a casa dela, ela sonha em retornar para lá. Ela quer ficar perto da mãe.

Muitas famílias, atualmente, adotam irmãos. Não tem coisa mais triste que você ver sair da instituição uma criança que tem um irmão, e a criança sai e o irmão fica, sabe é uma dor que a gente sente. Então eu falei que nós precisamos ter uma política para também cuidar de suas mães, dessa família, porque enquanto tiveram possibilidade de reintegração, é preciso trabalhar com as famílias para que isso aconteça. Pois se você

não trabalhar, fica mais difícil. Existem reintegrações malsucedidas, que acontecem porque não foi feito trabalho com a família. Então vamos tratar da criança agora e não vamos abandonar a família, como é feito. Ai, eu tive a grande oportunidade de falar isso e ela concordou comigo, isso foi o melhor!

Então é isso gente mais alguém.

**L:** Nós do Pet queríamos fazer uma pergunta para as mães aqui presentes, sobre como é ser mãe e estudante daqui da UnB.

**M:** Eu tenho a oportunidade de deixar ela com a minha vó, mas assim eu tive de fazer muitas coisas que eu não queria fazer, coisas às vezes que dói na gente. Nossa, mas eu não sei, é a vida que segue... isso que você falou sobre não julgar eu acho que a coisa mais primordial. Não julgar mãe, não julgar a família, porque não conhece o que ela passa, não conhece suas dificuldades. Acho que mostra a possibilidade de e chamar atenção para as nossas demandas também.

**L:** Achei essa parte mesmo que o cuidado que a criança para as mães vem como se fosse uma obrigação, lembrei muito de que quando é pai que abandona um filho e a mãe está cuidando é algo natural, mas quando a mãe abandona o filho e deixa o pai cuidando esse pai é percebido como uma melhor pessoa como um herói. São papéis pré-determinados como se mulher devesse cuidar dos filhos enquanto o homem trabalha.

**P:** O que também não conversa mais com a nossa sociedade, porque a mulher ela também trabalha.

**A:** é como fala né, ainda dizem que o aborto masculino no Brasil é permitido. Se você pegar como exemplo, eu trabalho numa escola e temos acesso as certidões de nascimento das crianças, quando vai fazer matrícula, cancelar, renovar. Recentemente, recebemos um documento, da secretaria de educação, para dizer se queriam encaminhamento ou não para a escola sequencial. O termo era assim: Eu, espaço para pessoa colocar o nome, portadora do CPF tal, mãe da criança tal.... Vários pais foram lá fazer a matrícula, e ao assinar o documento e ficaram em uma saia justa se questionando se colocariam os seus nomes ou os das mães. Então tivemos que fazer uma adaptação desse documento. Gente, uma ficha que veio da secretaria de educação desconsiderando

também que pais participam, mas é porque a quantidade de criança que nem tem o nome do pai da certidão de nascimento é imensa. E muitos que, apesar do registro, não participam da criação da criança. Nós, no ano passado, tivemos um caso de uma mãe que, nas férias, pegou a criança levou para casa do pai e mudou de endereço. Deixando a criança 30 dias com ele sem dá notícias, obrigou ele a conviver com o filho, ele ia fazer o quê ?! Mas depois ela apareceu. Mostra que precisam fazer para que os pais participem da criação da criança.

**JB:** Eu queria falar só mais uma coisa pequena. Em que nossa pesquisa mesmo, já no início, ficamos muito em dúvida, por exemplo pelas mulheres terem esse processo histórico do cuidado, dessa responsabilidade recair para elas, mas a gente sabe também que qualquer pessoa, como é exibido no filme, que possui o desejo de cuidar pode exercer esses cuidados. Então ficamos em dúvida, diversas vezes durante a pesquisa, se a gente faria o texto direcionado para as mães, mães e pais ou responsáveis. Porque é uma coisa muito complexa na minha cabeça. Porque sabemos do histórico machista que atribui o cuidar só para mãe, aí a gente não sabe se ao colocar, por exemplo, o termo estudante Mãe, estaríamos reafirmando que a responsabilidade é normal, ou se estaríamos evidenciando, visibilizando as mães. Aí queria só ver qual é mais ou menos a opinião de vocês sobre o assunto.

**C:** Qual a sua opinião sobre?

**JB:** Olha na minha opinião seria a segunda opção, de dá visibilidade as mães, que ainda se encontram nesse papel. Acredito que pela individualização do cuidado e da Maternidade, é importante que seja direcionada as mães. Porque, por exemplo, aqui, hoje, nós temos só vemos as mães, não há nenhum pai, mas há outras pessoas dentro do grupo que possuem outra opinião.

**C:** O que você acha Patrícia?

**P:** Eu acho que é uma forma de evidenciar, ainda mais que na pesquisa a gente coloca, quando falamos das creches, da própria história delas, colocamos que esse é um papel que, devido a heranças de uma sociedade patriarcal e várias outras coisas, é limitada às mães. Quando a gente coloca isso na pesquisa, mesmo não concordando com a questão

de o trato com as crianças recair somente as mães, colocamos Estudantes Mães retratar a sociedade brasileira, já que os cuidados e os problemas, na maioria das vezes, são recorrentes a elas.

**C:** Engraçado que você falou lá na década de 70 e esse processo que, passa bastante no âmbito da Educação, começou como uma reivindicação das Mães dos Trabalhadoras. E agora, mais uma vez, são as mães universitárias que estão nessa reivindicação.

**P:** Esse é um paralelo que eu acho muito interessante, e que eu gosto muito da nossa pesquisa, da história mesmo.

**C:** Isso foi lá e agora aqui nessa mesa perspectiva tentando avançar, de algo para dar um pontapé

**P:** Mas acho que nós ainda estamos muito atrasados nessa discussão, estamos na UnB, na capital do país e me parece que agora que estamos iniciando algo no sentido. Em outras universidades essa discussão já vem acontecendo há muito tempo, já vem percebendo e reconhecendo as necessidades das trabalhadoras e das estudantes Mães, em relação a um local para o cuidado com seus filhos nas universidades desde os anos de 70 e nós ainda estamos começando essa discussão.

**C:** Nós visitamos uma na Federal Fluminense e eu fui a Santa Catarina também, visitando uma Federal de lá.

**P:** Na pesquisa, encontramos que oficialmente são 19 federais que possuem creches nas instituições, e que também existem outras federais que possuem esses espaços e não estão na lista por não se enquadrarem em questões relacionadas a pesquisa e tudo mais. Quando fomos a Rio Branco, mesmo não entrando para conhecer o lugar, onde a gente falava do tema da pesquisa, alguém falava que na federal do Acre, na faculdade de pedagogia, existe um espaço educativo para crianças. Acredito que a existência desses espaços nesses diversos locais mostra como essa relação das estudantes mães e das trabalhadoras mães é um fato social que precisa de maior visibilidade.

**J:** Eu acho que temos que respeitar essa visão das crianças, porque eu vejo que esse processo começa na gente de perceber a criança como alguém que tem algo para dizer.

Vai da nossa sensibilidade, vai partir da gente da nossa capacidade de olhar a potência que a criança é, que já dentro desse ser que ela é, e não que vai ser quando for adulta. Ela já é. Esse processo de geração com as crianças, a gente vai descobrindo o que fazer, porque nós falamos que somos professores, educadores e pedagogos, mas muitas vezes não sabemos o que fazer, então a gente lê, mas esse processo é um de descobrimento...



## 2. Cadastro das mães da Faculdade de Educação da UnB.

<b>NOME DA MÃE</b>	<b>EMAIL</b>	<b>TELEFONE</b>
1. Nayara Alves S. Araujo	<a href="mailto:nayaralves.silva@gmail.com">nayaralves.silva@gmail.com</a>	(61) 984812463
2. Bruna Brito Ferreira	<a href="mailto:dudafalves@hotmail.com">dudafalves@hotmail.com</a>	(61) 998088868
3. Juliana Martis	<a href="mailto:juzinhamartins2009@hotmail.com">juzinhamartins2009@hotmail.com</a>	(61) 998236110
4. Jessica Ribeiro P. Silva	<a href="mailto:jessicaribeirops@gmail.com">jessicaribeirops@gmail.com</a>	(61) 986676899
5. Fernanda Araujo Campos	<a href="mailto:fernandacampos1990@gmail.com">fernandacampos1990@gmail.com</a>	(61) 984320800
6. Fabiana Moreira Quentim	<a href="mailto:fabimv13@gmail.com">fabimv13@gmail.com</a>	(61) 981027361
7. Hellen Pereira Santos	<a href="mailto:hellen.santos@ebc.com.br">hellen.santos@ebc.com.br</a>	(61) 986164874
8. Junia Luz de Souza	<a href="mailto:jluzdesouza@gmail.com">jluzdesouza@gmail.com</a>	(61) 996517138
9. Milena Fernandes S. de Oliveira	<a href="mailto:milenaf_unb@hotmail.com">milenaf_unb@hotmail.com</a>	(61) 993632576
10. Hosana Moria	<a href="mailto:hosanamoria@gmail.com">hosanamoria@gmail.com</a>	(61) 981322589
11. Ana Paula Rodrigues	----	(61) 998270013
12. Aline da Silva Brandão	<a href="mailto:aline.s.brandão@gmail.com">aline.s.brandão@gmail.com</a>	(61) 984480771
13. Nathalia Soares	<a href="mailto:Nathalia.soares.silveira@gmail.com">Nathalia.soares.silveira@gmail.com</a>	(61) 999524401
14. Larissa Gavino	<a href="mailto:larissagomescordeiro@gmail.com">larissagomescordeiro@gmail.com</a>	(61) 981118376
15. Gabriela Pascoal	<a href="mailto:gabriellahoffmann@hotmail.com">gabriellahoffmann@hotmail.com</a>	(61) 981736770
16. Natália Ferreira Botelho	<a href="mailto:nataliafbotelho@yahoo.com.br">nataliafbotelho@yahoo.com.br</a>	(61) 992251593
17. Cleonara dos Santos Pereira	<a href="mailto:cleonara.dossantospereira@gmail.com">cleonara.dossantospereira@gmail.com</a>	(61) 998544437
18. Sarah Aparecida Sobrinho	<a href="mailto:sarahsobri@gmail.com">sarahsobri@gmail.com</a>	(61) 982101839
19. Mariana Rodrigues	<a href="mailto:marianarodrigues.df@gmail.com">marianarodrigues.df@gmail.com</a>	(61) 992208905
20. Ana Paula Rodrigues	----	(61) 982700113
21. Anna Pereira de Novais	<a href="mailto:Novais.anna@gmail.com">Novais.anna@gmail.com</a>	(61) 999149101
22. Paula Sabrina de Sousa Teles	<a href="mailto:paulinha_bina1@hotmail.com">paulinha_bina1@hotmail.com</a>	(61) 996953048
23. Kamila Araújo de Lima	<a href="mailto:araujokamila2013@gmail.com">araujokamila2013@gmail.com</a>	(61) 994034290
24. Bárbara Luísa de Moura	<a href="mailto:barbara.moura.bsb@gmail.com">barbara.moura.bsb@gmail.com</a>	(61) 981484899
25. Sabrina Karoline F. Dantas	<a href="mailto:sabrinadantas43@gmail.com">sabrinadantas43@gmail.com</a>	(61) 983375782

26. Maria Eduarda A. B. Rodrigues	<a href="mailto:maducily@hotmail.com">maducily@hotmail.com</a>	(61) 998686033
27. Josi Patrício	----	(61) 981889053
28. Kellen	----	(61) 981641464
29. Virgínia	<a href="mailto:virginia_vcs@yahoo.com.br">virginia_vcs@yahoo.com.br</a>	(61) 992444502
30. Larissa de Castro Rodrigues	----	(61) 995325442
31. Jessica Ribeiro	----	(61) 986676899
32. Andresa Ferreira	<a href="mailto:andresasbf@hotmail.com">andresasbf@hotmail.com</a>	(61) 993742858



### 3. Questionário:

#### **PERFIL DAS MÃES PERTENCENTES A COMUNIDADE DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO.**

O PET- Educação pretende levantar perfil das estudantes mães e seus filhos pequenos que frequentam a FE, buscando conhecer um pouco como se dá o seu cotidiano nesse espaço, conciliando a maternidade e os estudos, evidenciando a suas realidades, e as dificuldade de conciliar a maternidade e os estudos, em um espaço que não legitima a criança como participante de sua comunidade.

Para responder o questionário, solicitamos que assinale um X nas opções que melhor caracterize sua realidade, e quando não houver opção com que se identifique assinale a opção “outros” e escreva a resposta por extenso. Nas questões subjetivas, escreva o que se pede. Garantimos que as informações aqui fornecidas serão utilizadas apenas para os fins dessa pesquisa, asseguramos assim, a confidencialidade dos envolvidos. **Agradecemos antecipadamente sua participação**, pois esta é fundamental para o desenvolvimento da pesquisa.

#### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Este é um convite para você participar de uma pesquisa sob a responsabilidade do PET- Educação.

Responder a esta pesquisa não envolverá quaisquer riscos significativos a você, além da expressão da sua opinião. Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de forma a não identificar os participantes, focalizando o seu conteúdo geral e os resultados obtidos.

Durante todo o período da pesquisa você poderá tirar suas dúvidas através do e-mail: [unbpetedu@gmail.com](mailto:unbpetedu@gmail.com)

**Ao assinalar a opção “aceito participar”, a seguir, você atesta sua concordância com a utilização dos dados disponibilizados nesse questionário, declarando que compreendeu seus objetivos, conforme descrição aqui efetuada.**

Aceito participar dessa pesquisa, autorizando a utilização dos dados aqui fornecido.

- Aceito participar.
- Não aceito participar.

Nome, Idade e Semestre.

Estado Civil:

- Solteira/o

- Casada/o
- Companheiro/a
- Separada/o ou Divorciada/o.

Você se considera:

- Indígena
- Negra/o
- Branca/o
- Parda/o
- Outro:

Onde você mora atualmente?

- Em casa ou apartamento, próprio ou em processo de aquisição.
- Em casa ou apartamento, alugado.
- Em casa de amigos.
- Em habitação coletiva: hotel, hospedaria, quartel, pensionato, república, etc.
- Outro:

Quem mora com você, além do/a (s) filho/a (s)?

- Sozinha/o
- Pai/Mãe
- Esposa / marido / companheiro/a
- Outro:

Quantas pessoas moram em sua casa? (Incluindo você)

- Uma pessoa.
- Duas pessoas.
- Três pessoas
- Quatro pessoas
- Mais de quatro pessoas.

Você desenvolve alguma atividade remunerada?

- Sim
- Não

Qual a sua renda mensal individual?

- Nenhuma.
- Menos que um salário mínimo.
- Um salário mínimo (R\$ 880,00)
- Até dois salários mínimos (R\$ 1.760,00)
- Até três salários mínimos (R\$ 2.640,00)
- Mais de três salários mínimos.

Qual sua relação com a Faculdade de Educação?

- Aluna/o
- Ex aluna/o

- Funcionaria/o
- Outro:

Qual turno costuma está com maior frequência na FE?

- Diurno.
- Noturno.

Qual meio de transporte você utiliza para chegar na UnB?

- Carro.
- Ônibus.
- Metrô.
- Bicicleta.
- Outro:

Já precisou trancar alguma disciplina por ser mãe/pai?

- Sim.
- Não.

Pensou, em alguém momento, trancar o curso devido à dificuldade de conciliar a maternidade/paternidade e a faculdade?

- Sim.
- Não.
- Outro:

Possui quantos filhos? Qual a idade das crianças ou o mês de gestação?

Com que frequência as crianças o acompanha no ambiente Universitário?

Que espaços a criança utiliza quando está na UnB? O que ela faz quando você está assistindo aula? Na Faculdade, ela fica com outra pessoa além de você? Se sim, com quem?

Descreva o suporte que você possui para cuidar do seu/s filho/s quando você está estudando. Ex: Creche, cuidador, avós, não possui suporte, entre outros.

Disponível em: <[https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSfObqZ603mXN-\\_3Agvy8\\_SYl8RrgGFRw-Dj9swpUlx3\\_oBx3A/viewform](https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSfObqZ603mXN-_3Agvy8_SYl8RrgGFRw-Dj9swpUlx3_oBx3A/viewform)>

#### 4. Creches Universitárias Federais do Brasil (Lista da ANUFEI)

##### **UFBA – NUCLEO DE DESENVOLVIMENTO INFANTIL UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**

Coordenadora Geral: Sônia Ale Silva

Coordenadora pedagógica: Ana Paula Conceição/

E-mail: [anpsk@yahoo.com.br](mailto:anpsk@yahoo.com.br), [anaconceicao@ufba.com.br](mailto:anaconceicao@ufba.com.br)

E-mail da unidade: [creche@ufba.br](mailto:creche@ufba.br) / [soniaalesilva@yahoo.com.br](mailto:soniaalesilva@yahoo.com.br)/

[proai@ufba.br](mailto:proai@ufba.br)

Telefone: 014 71 32837774/ **014 71 32837775** / 3283-7766

##### **CENTRO EDUCACIONAL CRIARTE DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

Responsável pela unidade: Janaína Silva Costa

E-mail: [Janaina.antunes.criarte@gmail.com](mailto:Janaina.antunes.criarte@gmail.com)/ [criarte@ce.ufes.br](mailto:criarte@ce.ufes.br),

Telefone: 014 (27) 3352350 ou 335 2351 ou 335 2352

##### **UNIDADE INTEGRADA DE EDUCAÇÃO INFANTIL-UNIEI- DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA**

Responsável pela unidade: Maria de Lourdes Matos Barreto

Naise Valéria Guimarães Neves

E-mail: [nnesves@ufv.br](mailto:nnesves@ufv.br) / [mmattos@ufv.br](mailto:mmattos@ufv.br)

Telefone: 014 (31) 3899-1932 ou 1933/ 3899-2430

##### **UFLA – CENTRO EDUCACIONAL - UFLA**

Responsável pela unidade: Mary Rose Machado –

E-mail - [centroeducacionalndeufla@yahoo.com.br](mailto:centroeducacionalndeufla@yahoo.com.br)

Telefone: 014 (35) 3829 1187 ou 3829 1145

##### **UFCG – UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO INFANTIL**

Responsável pela unidade: Julita Barbosa de Farias Santiago

E-mail: [ueiufcg@yahoo.com.br](mailto:ueiufcg@yahoo.com.br)

Telefone: 014 (83) 2101-1417 ou (83) 3310 1417

**UNIDADE DE ATENDIMENTO À CRIANÇA DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DE SÃO CARLOS**

Responsável pela unidade: Izabel Ap. Minuti Cunha

E-mail: [uac@ufscar.br](mailto:uac@ufscar.br) / [sac-gab@power.ufscar.br](mailto:sac-gab@power.ufscar.br)

Telefone: 014 (16) 3351 8195 ou 8194 ou 8430

**UFC – UNIDADE ENIVERSITÁRIA FEDERAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL  
NÚCLEO DE DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA – NDC**

Responsável pela unidade: Fátima Sampaio Silva –

E-mail: [ndc@ufc.br](mailto:ndc@ufc.br) / [fatimass@uol.com.br](mailto:fatimass@uol.com.br)

Telefone: 014(85) 3366 9666/ 9990-7789

**CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL PIPA ENCANTADA HC DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

Responsável pela unidade: Viviane dos Reis Drapier

E-mail: [vrdrapier@gmail.com](mailto:vrdrapier@gmail.com)

E-mail da unidade: [creche@hc.ufpr.br](mailto:creche@hc.ufpr.br) e [pipaencantadah@yahoo.com.br](mailto:pipaencantadah@yahoo.com.br)

Telefone: 014 41 33601849

**ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
RIO DE JANEIRO**

Responsável pela unidade: Aline Silveira – Diretora

E-mail: [artlinesil@gmail.com](mailto:artlinesil@gmail.com) / [romacabral1@yahoo.com.br](mailto:romacabral1@yahoo.com.br)

[eeiufRJ@gmail.com](mailto:eeiufRJ@gmail.com) e [coordenacaoeei@gmail.com](mailto:coordenacaoeei@gmail.com)

Telefones: 021 (21) 8866-0357 / (21) 8123-8772

**CRECHE FRANCESCA ZACARO FARACO DA UNIVERSIDADE**

**FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

Responsável pela unidade: Danielle Finamor Rezes de Souza

Diretora: [micaela.koch@ufrgs.br](mailto:micaela.koch@ufrgs.br)

E-mail: [creche@ufrgs.br](mailto:creche@ufrgs.br)

Telefone: 014 51 33085290/ 014 51 33085273 / (51) 3308-5273

**UFF – UNIDADE DE EDUCAÇÃO INFANTIL COLÉGIO UNIVERSITÁRIO  
GERALDO REIS COLUNI**

Responsável pela unidade: Dominique Colinviaux

E-mail: [creche@vm.uff.br](mailto:creche@vm.uff.br)

Outros e-mails: [monicabmp@bol.com.br](mailto:monicabmp@bol.com.br) OU [crecheon@vm.uff.br](mailto:crecheon@vm.uff.br)

Telefone: 014 21 2629 2563

**NÚCLEO DE DESENVOLVIMENTO INFANTIL DA UNIVERSIDADE**

**FEDERAL DE ALAGOAS**

Responsável pela unidade: Andreza

E-mail: [gr@reitoria.ufal.br](mailto:gr@reitoria.ufal.br)

E-mail da unidade: [ndi.ufal01@gmail.com](mailto:ndi.ufal01@gmail.com)

Telefone: 014(82) 3214 1109

**UNIDADE DE EDUCAÇÃO INFANTIL IPÊ AMARELO DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARI/UFMS**

Responsável pela unidade: Viviane Ache Cancian

E-mail: [vica.acancian@gmail.com](mailto:vica.acancian@gmail.com)

Site da unidade: [www.ufsm.br/creche](http://www.ufsm.br/creche)

Telefone: 0014 55 3220 8110/3220-8549

**ESCOLA PAULISTINHA DE EDUCAÇÃO – UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE SÃO PAULO - UNIFESP**

Responsável pela unidade: Wanderci Ruiz Braga - [wanfilhas@hotmail.com](mailto:wanfilhas@hotmail.com)

E-mail da unidade: Paulistinha.dac@epm.br

E-mail da Marlene: [marlene.dac@epm.br](mailto:marlene.dac@epm.br)

Telefone: 014 (11)5576 4405, 4408, 4411

**Núcleo de Educação Infantil –NEI - Universidade Federal do Rio Grande do Norte**

Responsável pela unidade: Tereza (vice-diretora)

E-mail da unidade: [nei@ccsa.ufrn.br](mailto:nei@ccsa.ufrn.br)

Telefone: 014 84 3215

**UNIDADE EDUCACIONAL INFANTIL- UEI/CRECHE- UFRN -  
Universidade federal do Rio Grande do Norte**

Responsável pela unidade: CRISTINA DINIZ BARRETO DE PAIVA  
[cristinadinizuei17@hotmail.com](mailto:cristinadinizuei17@hotmail.com)

E-mail da unidade: [Uei-creche@prh.ufrn.br](mailto:Uei-creche@prh.ufrn.br)

Telefone: 014 (84) 3215 4221

**UFPB – ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA**

Responsável pela unidade: Coordenadora Edineide Jezine Mesquita /  
[edjezine@hotmail.com](mailto:edjezine@hotmail.com)

E-mail da unidade: [escolabasica@ce.ufpb.br](mailto:escolabasica@ce.ufpb.br)

Telefone: 014 (83) 3216 7065

**UFG – UNIDADE DE EDUCAÇÃO INFANTIL**

Responsável pela unidade: Ione Mendes Silva Ferreira – [ionemsilva@hotmail.com](mailto:ionemsilva@hotmail.com)

E-mail da unidade: [creche\\_ufg@yahoo.com.br](mailto:creche_ufg@yahoo.com.br)

Telefone: 001462 32056721

**Núcleo de Desenvolvimento Infantil – Universidade Federal de Santa Catarina**

Responsável pela unidade: Marilene Dandoline Raupp

Outros e-mails: [ndi@ced.ufsc.br](mailto:ndi@ced.ufsc.br)/ [soniamvb@ced.ufsc.br](mailto:soniamvb@ced.ufsc.br)

Telefone: 014 (84) 3319906 ou 3319432